

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS

JÚLIA DE CAMPOS LUCENA

**HANNAH ARENDT: PENSADORA E PERSONAGEM**

PORTO ALEGRE  
2018

JÚLIA DE CAMPOS LUCENA

**HANNAH ARENDT: PENSADORA E PERSONAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Regina Zilberman

PORTO ALEGRE

2018

JÚLIA DE CAMPOS LUCENA

**HANNAH ARENDT: PENSADORA E PERSONAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Licenciada em Letras pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.

BANCA EXAMINADORA

---

Regina Zilberman  
(Orientadora)

---

Rita Lenira Bittencourt  
(Examinadora)

---

Giselle Razera  
(Examinadora)

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## AGRADECIMENTOS

O maior dos agradecimentos vai para minha mãe Flora, que em si resumiu para mim uma família completa, por, além do apoio e do suporte inabalável que dá a todos os meus planos, ser ainda e sempre meu grande exemplo de independência e coragem. Mas agradeço também aos meus tios e tias e aos irmãos que me deram, pois foi também por eles que busquei formação e incentivo mudanças. Às amigas e aos amigos que fiz nestes anos de graduação, pelas horas acumuladas de conversa que me possibilitaram descobrir e entender tanto sobre nós e sobre o mundo em que vivemos – depois de vocês, sou aquela que sempre quis ser. Também estendo um agradecimento carinhoso aos vários professores cujas aulas, orientações e conversas de corredor me indicaram tantos caminhos, em especial àqueles, estes ainda não tão numerosos, que são também apoiadores e criadores de espaços de independência e liberdade dentro do nosso currículo, como eu considero que o são as ações de extensão universitária e as cadeiras opcionais, ambas as experiências foram fundamentais na minha experiência acadêmica. E por fim, um forte agradecimento à professora Regina Zilberman por proporcionar em sala de aula espaço para mim e para minha curiosidade, na época tão imprecisa, e pela orientação tão formativa que deu às minhas ideias o rumo deste trabalho, cujo efeito na minha formação ultrapassa o acadêmico.

*“Não é o vício / Nem a experiência que desflora a alma: /  
É só o pensamento. Há inocência / Em Nero mesmo e em  
Tibério louco / Porque há inconsciência. Só pensar /  
Desflora até ao íntimo do ser. / Este perpétuo analisar de  
tudo, / Este buscar duma nudez suprema / Raciocinada  
coerentemente, / É que tira a inocência verdadeira / Pela  
suprema consciência funda / De si, do mundo, de todos.”*

(Fernando Pessoa)

## RESUMO

O presente trabalho apresenta a pensadora Hannah Arendt enquanto figura histórica através de breve exposição biográfica, a que se segue o exame de sua relação com a arte literária. Apresenta-a também enquanto personagem de ficção, analisando temática e comparativamente duas produções ficcionais: o romance *Martin e Hannah*, da escritora e filósofa francesa Catherine Clément, e o longa metragem biográfico *Hannah Arendt*, da cineasta alemã Margarethe von Trotta. Estando sua biografia e obras intrinsecamente conectadas com a história do século XX, o contexto histórico é apresentado na medida em que constitui o objeto em análise.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt; biografia; Martin Heidegger; cinebiografia; romance biográfico.

## ABSTRACT

The present work introduces the thinker Hannah Arendt as a historical figure through a brief biographical exposition, followed by an examination of her relationship with the literary art. It also presents her as a fictional character, analyzing thematically and comparatively two fictional productions: the novel *Martin and Hannah*, by french writer and philosopher Catherine Clément, and the biopic *Hannah Arendt*, by the german filmmaker Margarethe von Trotta. Being his biography and works essentially connected with the history of the twentieth century, the historical context is presented as it constitutes the object under analysis.

**Key-words:** Hannah Arendt; biography; Martin Heidegger; biopic; biographical novel.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Hannah Arendt aos 27 anos, em 1933.....	20
Figura 2 - Hannah Arendt aos 37 anos, em 1943.....	25
Figura 3 - Hannah Arendt aos 69 anos, em 1974.....	31
Figura 4.....	53
Figura 5.....	53
Figura 6.....	54
Figura 7.....	55
Figura 8 .....	55
Figura 9 .....	55
Figura 10.....	55
Figura 11.....	56
Figura 12.....	56
Figura 13.....	57
Figura 14.....	57
Figura 15.....	58



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 HANNAH ARENDT: PENSADORA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 COTEJOS LITERÁRIOS.....</b>	<b>32</b>
3.1 LITERATURA: PRESENÇA CONSTITUTIVA.....	32
3.2 REFLEXÕES LITERÁRIAS: KAFKA, BENJAMIN E BRECHT.....	35
<b>4 HANNAH ARENDT: PERSONAGEM.....</b>	<b>44</b>
4.1 <i>MARTIN E HANNAH</i> , CATHERINE CLÉMENT.....	44
4.2. <i>HANNAH ARENDT</i> (2012), MARGARETHE VON TROTTA.....	51
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>63</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*Humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos.*

Hannah Arendt

Hannah Arendt foi uma das grandes intelectuais do século XX. Absolutamente comprometida com os assuntos de seu tempo, a atividade que exerceu com maior paixão foi a de tentar compreendê-lo. É especialmente reconhecida como filósofa política – atribuição com o qual não se sentia completamente confortável –, mas enquanto intelectual e pesquisadora atuou também como jornalista, historiadora, editora, tradutora, e, mesmo que por um curto período, como *political adviser* pela resolução do conflito na Palestina – apesar do seu passado sionista e de sua posição favorável ao Estado de Israel, militou pelo reconhecimento do Estado da Palestina. De seus esforços em agir e pensar o tempo sombrio em que viveu, resulta uma produção acadêmica densa e variada, além de diversos arquivos e registros biográficos.

Sua produção está intensamente conectada com os grandes acontecimentos de seu tempo, tais como o surgimento de governos totalitaristas, a Segunda Guerra-Mundial e a crise de refugiados, pois constituem sua própria história: alemã de origem judaica, Hannah Arendt foi perseguida pelo regime nazista que a obrigou a exilar-se primeiro na França, onde foi detida em um campo de internação francês, e em seguida nos Estados Unidos, permanecendo apátrida e indocumentada por dezoito anos até tornar-se cidadã americana.

Construiu uma sólida carreira filosófica embora se mantivesse à parte com relação aos grandes círculos de intelectuais judeus exilados acolhidos por universidades americanas, e com relação a qualquer ideologia ou vertente teórica específica. Queria preservar-se uma *outsider*, que para ela constituía uma identidade, e que a garantia de pensar em liberdade. Atuou como professora convidada e ofereceu seminários em dezenas de universidades na América e na Europa, só vindo a ser professora titular em 1969, na New School for Social Research, de Nova York.

As principais ideias que desenvolveu nos ajudam a entender o século XX, mas, sobretudo, permanecem pertinentes à compreensão do próprio mecanismo social humano. São algumas delas: a persistência de elementos totalitários em regimes não-totalitários, os perigos da ideologia, o pluralismo – essencial à convivência política –, e o conceito da banalidade do mal, o cessar do pensar. Era convicta de que toda criatura humana tem potencial e é capaz de pensar, refletir e julgar por si mesmo tão bem quanto ela própria o era. Militou pelo exercício do pensar, dedicando-se a compreendê-lo, e escreveu especialmente sobre aqueles que, segundo seu julgamento, excederam-se na atividade e sobre aqueles que abdicaram dela por completo (este último representado na figura do dirigente nazista Adolf Eichmann).

É uma figura histórica que inspirou a produção de diversas biografias, que, por sua vez, têm inspirado produções ficcionais. Neste trabalho, apresentamos Hannah Arendt enquanto personagem histórica através de exposição biográfica. Aprofundamos brevemente em sua relação biográfica e filosófica com a arte literária poética e narrativa – da qual foi, inclusive, autora de uma breve produção poética romântica, que optamos por não abordar neste estudo para não alongá-lo demasiadamente – a partir de reflexões biográficas e literárias que traçou sobre três grandes escritores que tiveram para ela especial importância biográfica: Franz Kafka, Bertolt Brecht e Walter Benjamin. E, por fim, apresentamos Hannah Arendt enquanto personagem ficcional, analisando em comparação à sua biografia duas produções ficcionais contemporâneas inspiradas em sua figura, um romance biográfico e uma cinebiografia.

O nome de Hannah Arendt tem ressurgido com força nos últimos anos e sua contribuição espalha luz sobre as mais diversas áreas do conhecimento humano. Esperamos com este trabalho contribuir para com a produção inspirada em sua obra dentro das áreas das Letras, sobretudo ao que concerne os estudos literários.

## 2 HANNAH ARENDT PENSADORA: existência exposta, vida e obra entrelaçada

Johannah Arendt nasceu na cidade de Hanôver, Alemanha, no dia 14 de outubro de 1906, e passou a infância em Königsberg, cidade natal do filósofo Immanuel Kant, localizada na ponta mais oriental do antigo Império Alemão – hoje Kaliningrado, Rússia. Ambas as cidades de sua infância foram destruídas nos bombardeios da Segunda Guerra Mundial, de modo que, do cenário de sua infância, não restam vestígios. Era filha de Paul Arendt e Martha Cohn, jovens oriundos de famílias judias cultas e financeiramente bem estabelecidas. Os Arendt eram uma família tradicional de Königsberg, judeus-alemães reformistas, pertencentes à comunidade judaica liberal, enquanto a família Cohn imigrara para a Alemanha do Leste Europeu no século anterior e se estabelecera com uma lucrativa empresa de chás russos.

Paul e Martha foram educados nos ideais da elite culta alemã. Paul formou-se engenheiro na prestigiosa universidade de Königsberg e era um apreciador das humanidades, sobretudo da literatura clássica grega e latina; Martha, como as demais mulheres de sua geração, foi educada em casa e completou sua formação em Paris, onde estudou música e língua por três anos. Identificavam-se politicamente com o socialismo, eram ateus, porém não se opuseram à educação religiosa da filha, que ficou a cargo dos avós. Eram jovens progressistas e seus princípios educacionais fundamentavam-se na sugestão formadora de Goethe: no desenvolvimento livre e autônomo da criança, a partir da liberdade de escolhas e interesses pessoais, independente do gênero, e na noção de responsabilidade social. Martha, com quem Hannah teve mais contato, pois seu pai faleceu quando ela ainda era uma criança, era politicamente ativa, lutou pelo direito da mulher ao voto e orientava a filha a escolher carreiras acadêmicas tradicionalmente reservadas aos homens.<sup>1</sup>

As manifestações antissemitas do início do século XX estiveram presentes na infância de Hannah, mas não se fizeram notar em profundidade dentro da assimilada comunidade judaica de Königsberg pertencente à classe média. Em entrevista concedida em 1969 para Günther Gaus, na Alemanha, quando perguntada sobre como foi pertencer a uma família judia na Alemanha do pré-guerra, Hannah respondeu que cresceu em um ambiente familiar alheio

---

<sup>1</sup> A educação proporcionada à Hannah Arendt pelos pais e avós é uma importante chave de leitura para a compreensão do pensamento arendtiano em assuntos como sua origem judaica e sua condição de mulher.

às discriminações, e que as particularidades de sua condição judaica só foram esclarecidas fora de casa. Ela conta que “todas as crianças judias topavam com o antissemitismo. E isso envenenava a alma de muitas delas. Conosco, a diferença era que minha mãe sempre achava que a pessoa não devia se deixar afetar. Tinha de se defender!”; era estimulada a não baixar a cabeça e defender-se. Se o comentário fosse feito por um professor da escola, ela deveria retirar-se imediatamente da sala de aula, ir para casa e relatar o ocorrido à mãe, que então escreveria à escola “uma de suas muitas cartas registradas”<sup>2</sup>.

Hannah foi muito próxima do avô paterno, Max Arendt. Ele presidia a comunidade judaica liberal de Königsberg, acreditava na integração da comunidade judaica à alemã em igualdade, sem ceder à assimilação e ao apagamento das diferenças, e criticava o sionismo por negar à comunidade judaica seu pertencimento à comunidade nacional alemã. Acreditava – e, entre outras, esta crença foi adotada pela neta – que ser judeu não constituía uma distinção, nem um valor positivo ou negativo, mas simplesmente uma evidência. Max foi como um pai para a neta no período em que o filho, Paul, que contraíra sífilis na juventude, sofreu o avanço da doença para seus estágios finais, um quadro que não era possível reverter. Os últimos meses de vida do pai foram longos e difíceis para Hannah, que não compreendia que doença misteriosa era aquela que fazia com o que o pai não conseguisse andar e às vezes não a reconhecesse nas visitas ao hospital, mas ela o acompanhou com afeição até o fim – Hannah tinha sete anos. O avô a distraía com longos passeios durante os quais contava longas histórias e recitava poemas para a neta que já demonstrava inclinação aos assuntos filosóficos e literários. Martha caracterizava a filha como uma criança saudável, inteligente e feliz.

Porém, o avô falece subitamente, apenas poucos meses antes de o filho vir a falecer também, e Hannah perde suas duas figuras paternas mais próximas em um curto período de tempo, no ano de 1913. A morte de Paul Arendt foi muito dolorosa para a família, pois, além das terríveis complicações finais do paciente com sífilis – ele considerava-se curado quando casou –, precisavam lidar com o estigma da doença e com o medo de a esposa e ou filha terem sido contaminadas.

---

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. “O que resta? Resta a língua”: uma conversa com Günther Gaus. In: \_\_\_\_\_. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 38.

No ano seguinte, em 1914, explode a Primeira Guerra Mundial. Os russos cercam Königsberg e os combates aproximam-se da cidade; Martha decide refugiar-se com a filha em Berlim, onde mora sua irmã mais nova. No percurso de trem, testemunham as catástrofes da guerra: comboios de vítimas despedaçadas, campos queimados e cadáveres empilhados. Após dez semanas a calma retorna e elas voltam para a casa; graças à herança do pai, Martha e sua família passam em condições regulares a época de guerra. Hannah, no entanto, após tantos eventos trágicos, tornou-se uma criança frágil, introspectiva, misteriosa mesmo para si mesma.

A Primeira Guerra marcou a infância de Hannah Arendt também na medida em que acentuou a participação política da mãe. Martha promovia debates no apartamento em que viviam, e levava a filha consigo para passeatas e assembleias. Inspirava-se nas ideias e na figura de Rosa Luxemburgo, apresentando-a indiretamente à filha, na época com dez anos – a teoria política de Hannah Arendt é significativamente influenciada pelas ideias de Rosa Luxemburgo, a quem ela chamava de a defensora da liberdade absoluta em qualquer circunstância, individual ou pública, com uma concepção do político que se importa, sobretudo, com a realidade “em todos seus aspectos medonhos e maravilhosos”<sup>3</sup>.

Martha casou-se novamente no ano de 1920, quando Hannah tinha quatorze anos; seu marido, também viúvo, tinha duas filhas. Clara, a mais velha, era uma moça intelectual e melancólica que influenciou Hannah em seu gosto por poesia e línguas clássicas e apresentou-a ao seu círculo de amigos formado por jovens judeus universitários. Entre eles, Ernst Grumach, o primeiro namorado de Hannah, cinco anos mais velho que ela. Ernst estudava filosofia e desde 1922 frequentava os seminários do famoso professor de filosofia Martin Heidegger, influenciando Hannah a fazer o mesmo. Apesar da idade, Hannah tem uma personalidade envolvente, é muito culta e todos se impressionam com sua precocidade intelectual. Através de Ernst, Hannah teve a sorte de integrar-se muito jovem a um círculo de jovens judeus excepcionais, entre eles: Walter Benjamin, Karl Löwith, Hans Jonas, Gershom Scholem, entre outros jovens judeu-alemães entusiastas da cultura e da erudição.

---

<sup>3</sup> ARENDT, Hannah. Rosa Luxemburgo: 1871-1919. In: \_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 47.

Apesar de adorar os estudos, Hannah é displicente com a escola que, com o apoio da mãe, ela abandona para estudar com tutores em Berlim, morando na casa de amigos da família. Ela se preparava para prestar o exame de fim de curso secundário, que a habilitava a ingressar na universidade. Durante este período em Berlim, ela leu muita filosofia, teologia, aprofundou seus estudos nas línguas grega e latina, e compôs uma breve produção poética, na qual os conflitos da adolescência – os dilemas internos, a solidão, a dor da perda do pai, do avô, da pátria, além de uma forte vontade de compreender a si mesma e a sua estranheza – misturam-se com a atmosfera de destruição do pós-guerra em poesias de romantismo inflamado. É durante um período de intensa crise existencial, aos dezoito anos, que Hannah entra para a universidade de Marburg, em 1924, e começa a assistir aos cursos do professor Heidegger.

Martin Heidegger é um dos mais antigos discípulos de Edmund Husserl, pai da fenomenologia e maior filósofo alemão vivo de sua época. No início da década de 1920, ele ainda não lançara nenhuma grande obra, mas já gozava de grande popularidade no meio acadêmico. Muitos vinham de longe para assistir aos seus seminários, cuja complexidade e opacidade instauravam uma atmosfera de contemplação que despertava a curiosidade dos jovens estudantes. No semestre em que Hannah iniciou os estudos em filosofia, Heidegger trabalhava para dar forma à sua grande obra, *Ser e Tempo* e seus seminários relacionavam-se com o texto. Na medida em que se aproximava de Heidegger, intelectual e emocionalmente, Hannah tornava-se sua principal interlocutora, além de primeira leitora e revisora do livro. Heidegger ajudou Hannah a pôr em ordem seus atormentados pensamentos e a amadurecer filosoficamente, enquanto ela lhe preencheu da vitalidade e juventude necessárias para ir até o fim de sua revolução filosófica.

O primeiro vestígio de que o relacionamento entre o professor e a aluna ultrapassara os limites da amizade para alçar-se à categoria de romance data do outono de 1924; ela tem dezoito anos, ele, 35. Hannah não foi a primeira e nem a última aluna com quem o professor Heidegger, casado e pai de dois filhos, se relacionou. Ela está apaixonada e submete-se aos encontros às escondidas, enquanto intimamente deseja muito mais; ele é cauteloso, não quer pôr em perigo sua reputação, mas apaixona-se também. Foi o início de uma história longa, intensa e fascinante, de um amor pelo qual um sempre será grato ao outro.

A primeira parte do idílio que durou por toda a vida e sobreviveu mesmo à grande catástrofe do século XX, que protagonizaram em posições opostas – durante a Segunda Guerra, Martin Heidegger foi partidário do nazismo enquanto Hannah Arendt exilou-se –, se encerrou com a partida de Hannah de Marburg, em 1926. Foi dela a decisão de romper, a complexidade e intensidade da relação a consumiam. Parte para Freiburg, onde, por um semestre, assistiu aos seminários de Husserl. Desse período e da filosofia husserliana, guardou consigo a convicção de que “pensar é antes de tudo existir enquanto sujeito responsável”, e de que a filosofia é “um modo singular de pertencimento à existência”<sup>4</sup>.

Como nessa época estudar filosofia era ir atrás dos grandes filósofos vivos, e eles eram muitos, no semestre seguinte ela parte para Heidelberg onde leciona Karl Jaspers, que se tornou um de seus maiores amigos no pós-guerra<sup>5</sup>. Jaspers a orientou na tese de doutorado<sup>6</sup>, e permaneceu, além de grande amigo, um de seus principais interlocutores e leitores, continuando a exercer a função de orientação em suas obras posteriores. Jaspers era também muito próximo de Heidegger (ambos foram pupilos de Husserl), de modo que ele completa o famoso triângulo Heidegger - Arendt - Jaspers, o nazista, a judia e o alemão. Nos vestígios dessa amizade e na complexidade de suas pessoas e relações, lemos a história de um século.

Em 1929, Hannah reencontrou aquele que foi seu primeiro marido: Günther Stern<sup>7</sup>. Conheceram-se nos seminários de Heidegger, ele é quatro anos mais velho, um pensador crítico de esquerda. Sua tese foi orientada por Husserl e, no pós-guerra, ele tornou-se um dos mais fortes desconstrutores da filosofia heideggeriana, além de ter sido um dos precursores no estudo da obra de Franz Kafka. O reencontro aconteceu em um baile de máscaras beneficente em Berlim; o casal passou a morar junto nessa mesma cidade pouco tempo depois, casando-se logo em seguida – algumas biógrafas sugerem que o casamento foi apressado por Hannah, em uma tentativa de superar definitivamente Martin.

---

<sup>4</sup> ADLER, Laure. Nos passos de Hannah Arendt. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 74.

<sup>5</sup> O diálogo epistolar entre Karl Jaspers e Hannah Arendt, entre outros assuntos, movimenta-se na busca por compreender o que restou da Alemanha, do alemão e do judeu-alemão no pós-guerra. Os dois pensadores ocuparam lugares significativos na tragédia, o que torna seus pontos de vista significativamente contundentes: o de judia exilada e o de alemão contrário ao regime nazista, também exilado.

<sup>6</sup> Intitulada *O conceito de amor em Santo Agostinho*, foi defendida em 12 de abril de 1930.

<sup>7</sup> No pós-guerra, Günther Stern adotou o pseudônimo Günther Anders.



A Berlim dos anos 20 era uma metrópole mundial tomada por tumultos, miséria e conflitos. Eles politizam-se e, mais cedo que muitos intelectuais, começam a perceber o perigo que cresce na Alemanha: o antissemitismo. Estão entre os poucos intelectuais que dão a devida atenção à publicação de *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, em 1925. Sua condição de judeus desassimilados, isto é, conscientes da impossibilidade de negarem sua identidade judaica, permitiu que enxergassem precocemente a ideologia antissemita do nazismo e seu avanço no continente europeu. O casal frequenta movimentos de esquerda marxistas e sionistas, mas não adere às ideologias, engajando-se por uma Alemanha democrática. Günther é primo de Walter Benjamin e amigo de Gershom Scholem, são jovens judeus fervorosos leitores de filosofia e política, que se interessam também por questões de caráter espiritual e projetam o renascimento da fé judaica.

Hannah reencontra, através do amigo e sionista Hans Jonas, um antigo, e muito querido por ela, amigo do avô Max, o importante líder sionista Kurt Blumenfeld. Após o reencontro, ele se tornou o novo mestre e mentor em política de Hannah. Por sua influência, ela se engaja em pesquisas judaicas e adere ao movimento sionista (do qual será crítica desde o princípio, mas que acabou sendo o contato responsável pela sua fuga para a América quando permanecer na Europa era estar à beira do abismo). Outro importante fator desencadeador do engajamento político-judaico de Hannah Arendt – que acabou sendo o fio condutor de toda a sua obra –, além da proximidade com Kurt Blumenfeld, foi a pesquisa biográfica sobre Rahel Varnhagen<sup>8</sup>, iniciada em 1929 e publicada na América, em 1952<sup>9</sup>. Mais do que uma pesquisa biográfica, a vida de Rahel torna-se para Hannah uma pesquisa sobre a histórica perda da identidade judaica. Ela envolve-se pessoalmente com a pesquisa, diz que Rahel é sua melhor amiga morta há 100 anos. Segundo Kristeva (1999), a escrita dessa biografia é para Hannah um “ato de catarse, se não de autoanálise”<sup>10</sup>. Ela projeta-se na

---

<sup>8</sup> Rahel Varnhagen (1771-1833), escritora alemã de origem judaica, promoveu notórios salões literários no início do século XIX.

<sup>9</sup> Intitulada, no Brasil, *Rahel Varnhagen: a vida de uma judia alemã na época do romantismo* e lançada pela editora Relume Dumará em 1994.

<sup>10</sup> KRISTEVA, Julia. **Le génie féminin**: Hannah Arendt. Paris: Fayard, 1999, p. 39.

escrita da vida dessa jovem judia alemã assimilada, descobre nela e em si-mesma uma “pária consciente”<sup>11</sup> e retorna às suas origens judaicas.

Hannah torna-se uma militante sionista, e, como tal, será uma crítica severa do movimento; mas o clima em Berlim exige resistência, o antissemitismo só avança no início da década de 30, estudantes uniformizados distribuem folhetos antissemitas e multiplicam os trotes contra colegas judeus, fotos de Hitler estão estampadas nas vitrines. Hannah se engaja na resistência através do movimento sionista, e é em ação para a Associação Sionista que é detida pela polícia alemã, em 1933, portando documentos comprometedores (exercia a função de recolher relatos de antissemitismo que seriam divulgados para a comunidade internacional). Ela permaneceu detida para interrogatório por volta de uma semana, e logo que é liberada, ciente do perigo de permanecer em Berlim, parte com a mãe para o exílio na França, onde já se encontrava refugiado seu marido<sup>12</sup>. Porém, parte com a consciência tranquila de ter tomado parte na ação, de ter reagido. Ela manifesta frustração para com os colegas intelectuais judeus que se negavam a encarar a realidade tal como ela se apresentava – por toda a vida nutrirá inimizade com Adorno, que conheceu através de Benjamin, por continuar se relacionando com nazistas e por esconder sua origem judaica, o que ela chama de cegueira intencional.

Ainda em 1933, Heidegger cresce como líder intelectual da juventude nazista, filia-se ao partido e aceita o cargo de Reitor da Universidade de Freiburg. Seu discurso de posse exorta a juventude alemã e o grande líder, Hitler, sem o qual, ele diz, não há futuro, pois ele é o futuro. A partir de então, ele perverte sua filosofia com vocabulários nazistas e a coloca a serviço do nazismo. Heidegger foi nazista e jamais, mesmo anos após a guerra, admitiu-se culpado.

No entanto, sem desculpá-lo pela falha moral e de julgamento ao filiar-se a um movimento político homicida, é possível compreender suas motivações. Adler (2005) sugere recorrer ao método de análise que Hannah Arendt reivindicava: compreender, e não julgar a

---

<sup>11</sup> Em oposição ao conceito de *pária*, Hannah Arendt desenvolve o conceito de *pária consciente*, que é o pária não arrivista, não conformista; aquele que, em sua condição de pária, rebela-se ao invés de sujeitar-se e vitimizar-se. Ela acreditava que os oprimidos têm obrigação de resistir contra a opressão.

<sup>12</sup> Gunther refugiou-se em Paris logo após o incêndio do Reichstag, em 27 de fevereiro de 1933, atribuído aos movimentos de esquerda e usado pela Gestapo como pretexto para uma série de detenções.

partir de hoje. Heidegger e Jaspers na posição de filósofos e professores universitários desenvolviam juntos um projeto intelectual de renovação para a universidade alemã, segundo eles, decadente. Enquanto o nazismo chegava ao poder e o antissemitismo era institucionalizado, eles ocupavam-se de filosofia e de teorizações e projeções utópicas, falhando em não analisar a realidade tal como ela se apresentava. Heidegger encanta-se com o envolvimento da juventude alemã na política, ele acredita – talvez verdadeiramente, mesmo que não inocentemente – que o nacional-socialismo vai possibilitar a tão almejada, por ele e por Jaspers, revolução da universidade; ele tem a escolha, e opta por não encarar a problemática judaica do movimento. Já a Jaspers não foi concedida a liberdade de escolher por ignorar o antissemitismo do movimento nazista, sua esposa era de origem judaica e a violência antissemita o atingiu diretamente: em 1936 ele é afastado da universidade por ser casado com uma não-ariana, isto é, uma não-pessoa, na língua burocrática do nazismo.

Em sua fuga da Alemanha, Hannah e a mãe atravessam a fronteira pela floresta, a pé e à noite, evitando as patrulhas. Passam para a Tchecoslováquia, de lá para Praga, e então para a França. Muitos judeus e comunistas perseguidos fazem o mesmo trajeto, a França é o primeiro país de refúgio de muitos intelectuais alemães. Martha fica na casa de uma amiga da família, e Hannah parte para Paris, encontrar-se com o marido. Eles não possuem emprego nem dinheiro, a França está tomada pelo desemprego, e os refugiados não têm permissão para trabalhar. Sobrevivem de maneira precária, produzindo artigos, ensaios e traduções para revistas em troca de pequenas quantias, recebem apoio financeiro de organismos de resistência e de comitês de ajuda. Vivem um período de fortes privações, em que ler Kafka torna-se uma necessidade, um refúgio. No total, na França de 1933, residiam 37.000 refugiados alemães, vítimas de perseguição na Alemanha e do descaso pelo governo francês. Goebbels, ministro da propaganda nazista, os chama: cadáveres em espera. São muitos, mas não chegam a formar uma comunidade, pois as diferenças político-ideológicas entre os refugiados são grandes demais. Muitos ainda sentem-se de passagem pela França e estão prontos para retornar a qualquer momento à Alemanha e lutar por ela.



Figura 1. Hannah Arendt aos 27 anos, em 1933.

Contudo, apesar das condições, ou talvez para sobreviver a elas, eles seguem pesquisando e produzindo. Hannah retoma seus estudos de filosofia na Sorbonne, frequenta seminários e relê Kant; com Günther, ela lê poesia francesa, escrevem ensaios que assinam juntos, leem e debatem os escritos de Kafka com Benjamin, é o escritor que eles sentem traduzir suas vidas em ficção. Frequentam cafés e discutem política, história e os destinos da Alemanha. É durante o período de exílio na França – de 1933 a 1941 –, que Hannah começa a recolher material teórico para a redação de *Origens do Totalitarismo*, publicado em 1951, mas redigido a partir de 1946. Ela estava entre os poucos intelectuais que, apesar de estarem posicionados temporalmente no olho do furacão nazista, um fenômeno recente e inconcluso, já refletiam sobre suas fontes e métodos.

Günther deixa Paris e parte para a América em 1936, onde já residem seus pais, divorciando-se de Hannah; em 1940, é a ele que ela recorre para conseguir os papéis americanos para o visto, mas eles só encontram-se novamente em 1961. Apesar da condição de apátrida não documentada – na qual permaneceu por dezoito anos, entre 1933 e 1951 –

Hannah conseguiu emprego na Associação Sionista França-Palestina; sua função é preparar crianças e adolescentes judeus prestes a imigrar para a Palestina, onde trabalharão em *kibutzim*. Ela leva a sério o trabalho, estuda hebraico, iídiche e milita em círculos sionistas – com a ascensão ao poder do nazismo e o antissemitismo alçado à política de Estado, a Palestina deixou de ser apenas um sonho judeu para se tornar uma necessidade. Com o trabalho, ela vai para uma curta temporada no país, mas volta com uma não muito boa primeira impressão da Palestina, preocupa-se com a intolerância dos judeus com o mundo árabe.

Também em 1936, Hannah conheceu Heinrich Blücher, o “*stubs*”, seu segundo marido, ao lado de quem permaneceu pelo restante de sua vida. Heinrich também era um exilado alemão, mas não era judeu; era comunista, espartaquista, marxista e radicalmente antissionista; segundo os biógrafos: um anarquista. Sem formação universitária, foi um grande autodidata e professor docente na Bard College, nos Estados Unidos. Kristeva (1999) sugere a caracterização feita por Hannah Arendt do marido de Rosa Luxemburgo, Leo Jogiches, como um paralelo de como ela teria caracterizado Blücher: “ele era definitivamente *masculini generis*, o que tinha considerável importância para ela”<sup>13</sup>.

Trabalhando para a Associação Sionista, Hannah vai à Genebra para o Congresso Judaico Mundial em 1937 e sente-se atordoada a com a ignorância ou pouca importância que atribuem as autoridades judaicas à ascensão do antissemitismo na Europa. A violência aumenta não apenas contra judeus, mas contra comunistas também; na Alemanha, companheiros de Heinrich são presos, torturados e mortos pela Gestapo. Na França, com a anexação da Áustria ao território alemão, em 1938, novas levadas de refugiados chegam diariamente e a direita do país incita a opinião pública contra eles. O clima torna-se ainda mais instável e sombrio para os exilados, os casos de expatriação forçada aumentam e, como consequência, também os casos de suicídios. A Kristallnacht<sup>14</sup> declara, oficialmente, guerra

---

<sup>13</sup> ARENDT, H. Rosa Luxemburgo: 1871-1919. In: \_\_\_\_\_ **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.54

<sup>14</sup> Na madrugada entre os dias 9 e 10 de novembro de 1938, motivados pelo assassinato do diplomata alemão membro do partido nazista Ernst von Rath pelo judeu polaco Herschel Grynszpan, e incitados pelo ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, paramilitares da SA e civis alemães promoveram um violento pogrom contra a comunidade judaica com ataques à sinagogas, residências e comércios de judeus por toda a Alemanha, parte da Áustria e da Tchecoslováquia recém ocupada. “A Noite dos Cristais” foi o início da política nazista de

da Alemanha contra os judeus; e em setembro de 1939, com a invasão da Polônia, a Segunda Guerra Mundial é declarada. Temendo espiões alemães infiltrados entre os refugiados, o governo francês decide prender e internar todos os refugiados alemães homens em campos de detenção.

É a primeira campanha de internação massiva de refugiados na França, Heinrich e Benjamin ficaram detidos no estádio de Colombes junto a outros vinte mil refugiados. A maioria acreditava que não ficaria mais do que algumas horas, mas as internações duravam meses. Eles conseguem papéis de liberação graças à ajuda de amigos intelectuais franceses.

Hannah e Heinrich casam-se em 1940, o certificado de casamento é um documento importante para conseguirem o visto americano. Em maio, a França lançou nova campanha de internação, dessa vez chamando todos os alemães refugiados, homens e mulheres, a apresentarem-se. Heinrich voltou a ser detido em um campo, e também Hannah, enviada para o campo de Gurs, que abrigava mais de dez mil mulheres, quatro mil crianças e 1.500 homens com mais de sessenta anos. As condições são extremas, devido às doenças, ao frio, à falta de higiene e bens materiais básicos, como cobertores e casacos; estima-se que 25 pessoas morriam por dia no campo. Hannah se junta a outras mulheres e luta como pode para manter o mínimo de dignidade para si e os demais. Elas organizam-se em coletivos funcionais para manter a limpeza, auxiliar os idosos e enfermos, e propõem atividades culturais, como o ensino de francês, além de protestarem aos guardas por melhores condições. Mas é um inferno o que vivem, a tentação de ceder ao desespero é muito grande. Hannah logo percebe: para sobreviver, o mais importante é permanecer ativo – “A pior armadilha é sentar-se no chão e não fazer mais nada, sentir pena da própria sorte e não manter a esperança de fugir”<sup>15</sup>. Mas admite ter considerado a ideia do suicídio diariamente enquanto esteve internada.

Hannah administrou sua temporada no campo de Gurs – cujas condições de vida assemelhavam-se às de Dachau e Buchenwald, na Alemanha – lendo, trabalhando, e mantendo-se tão informada quanto possível sobre o que ocorria dentro e fora do campo. Sua fuga, mais do que um golpe de sorte, foi consequência de sua atitude sempre alerta. Quando a

---

extermínio judaico, e vitimou centenas de judeus mortos na noite ou em decorrência dela, além de mais de trinta mil detidos e enviados para campos de concentração.

<sup>15</sup> ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 177.

França foi derrotada por uma ofensiva alemã, as comunicações foram interrompidas: é a oportunidade de arranjar papéis de liberação e escapar. A partir de então, com a ocupação alemã na França (Governo de Vichy, 1940-44), a Gestapo passou a enviar internas para os campos de extermínio alemães.

Em liberdade, Hannah sabe para onde ir: para a cidade de Montauban; mas o trajeto é extenuante, são duzentos quilômetros de caminhada. Ela sobreviveu à viagem parando em pequenas fazendas onde trabalhava em troca de comida e pouso. Ao chegar, foi acometida por um reumatismo nas pernas devido ao esforço da caminhada e passou dias de cama – está na casa de uma amiga –, mas aos poucos recuperou suas forças e logo que conseguiu colocar-se em pé novamente recomeçou sua saga, dessa vez em busca do paradeiro do marido. Montauban é uma espécie de cidade-guarida para os exilados, sua administração está nas mãos de um governo socialista que faz oposição à Vichy e muitos refugiados encaminham-se para lá. E é assim, como que por milagre, que em uma de suas andanças pela cidade para enviar ou receber correspondências, através das quais buscava por Heinrich, que ela o reencontra no centro da cidade, também procurando por ela.

Certa regularidade se estabelece na vida do casal, mas eles vivem miseravelmente, não possuem recursos nem meios de possuí-los. Mas a Polícia Francesa e a Gestapo intensificaram suas colaborações, e Montauban tornou-se perigosa, com detenções sendo realizadas no centro da cidade. A Europa já não era mais segura para os judeus, era preciso partir imediatamente. Hannah pede à organização sionista um visto americano para ela e para o marido, diz que quer continuar servindo à organização na América, e à Günther que lhes encontre um fiador americano. Mas a cada etapa, novos itens são requeridos pelo *mise en abyme* do processo imigratório, cada nova documentação que a muita pena conseguem levantar já não é mais a suficiente para embarcar. Decidem tentar a sorte na cidade de Marselha, onde as chances de conseguir embarcar são maiores. Lá reencontram Walter Benjamin em profundo estado de desespero em relação à guerra, ao destino da Alemanha, e também a si próprio e ao seu trabalho. Hannah passa dias na fila do consulado tentando reunir a documentação necessária, é uma corrida contra o tempo pela vida.

Benjamin decide escapar pela fronteira franco-espanhola. Não é um trajeto fácil em razão da longa distância a ser percorrida a pé, mas até o dia em que ele decide partir, a

passagem pela fronteira é garantida. No dia em que ele chega a ela, e apenas deste dia em diante, não é mais, a fronteira fora fechada durante a noite. O fracasso foi maior do que ele pôde aguentar e o desespero o consumiu. Sabendo que a sua deportação de volta para a França significava retornar ao campo de internação ou ser expatriado de volta para a Alemanha, Benjamin se suicida. Ele foi enterrado em uma vala comum, e Hannah partiu com Heinrich para Lisboa, de onde embarcaram para a América, levando consigo na mala os últimos manuscritos que Benjamin lhe confiou.

A Associação Sionista integra Hannah em uma lista de “intelectuais de valor”, estão desde o início de abril de 1941 em Lisboa esperando o navio que os levará aos Estados Unidos, quando ele finalmente chegou em maio. A viagem foi curta e segura, em três semanas o casal aportou na América – muitos refugiados levaram meses em trânsito, perderam-se em escalas pelo caminho ou foram mortos por mísseis alemães. Nos Estados Unidos, seu primeiro gesto é comunicar ao ex-marido: “estamos salvos”. A vida está assegurada, basta refazê-la, o que, todavia, não é tarefa fácil; a grande crise se aproxima, os refugiados vêm somar aos números de desempregados.

Hannah está com 36 anos, é recém-chegada em um país totalmente desconhecido e amedrontador, do qual não conhece a língua, e cuja cultura é radicalmente diferente da sua. Não trouxe consigo nenhuma marca do passado: objetos, documentos, certificados, tudo se perdeu, mas projeta a vida, planeja o futuro, a carreira – quer ser jornalista –, e imediatamente começa a estudar inglês. Heinrich, por sua vez, está paralisado. Ele sofre o que muitos de sua geração de refugiados sofreram: sente ter perdido sua individualidade no refúgio, um processo ao qual só se pode atribuir algum valor positivo se mantiver, dentro da comunidade, sua excepcionalidade e, para o indivíduo, sua individualidade. Mas a longa onda de refúgio provocada pela Segunda Guerra tem caráter tão imensamente coletivo e homogeneizador, que dentro deste processo seus membros perderam-se por completo e não pertencem mais a lugar algum, nem a si próprios.

Hannah traz a mãe da França, eles recebem uma ajuda mensal da organização sionista e dividem um pequeno apartamento em Nova York. Assim que domina a língua, Hannah começa a escrever crônicas para jornais, dando início à carreira de jornalista. Em seus textos, denuncia o silêncio e a cegueira das instituições judaicas frente ao massacre de judeus na



Europa, e insiste na compressão direta dos fatos: matam-se judeus por serem judeus, nada mais; o que, todavia, não deve interessar apenas aos judeus, mas a toda a sociedade internacional. Ela milita pela salvação dos judeus na Europa ao mesmo tempo em que reflete sobre suas experiências, agindo nas duas frentes: prática e teórica. Fala sem rodeios sobre a crise do sionismo; reclama o fato de a luta por um território nacional na Palestina ter se tornado a única política de combate ao antissemitismo, o que para ela equivale a aceitar o fardo do judeu eternamente perseguido e utilizá-lo a favor de demandas nacionalistas. Critica as associações judaicas americanas, mais interessadas nas negociações de terras palestinas e investimentos estadunidenses do que no extermínio judeu em andamento. Ela passa a rejeitar profundamente o movimento judaico de essência nacionalista que promove uma imigração elitista e seletiva, e não uma real integração de judeus europeus.



Figura 2. Hannah Arendt aos 37 anos, em 1943.

Em 1943, as notícias do impossível chegam à América. Auschwitz é a impossibilidade real do terror nazista. Mesmo para Hannah Arendt, que sempre enxergou o antissemitismo

como a maior arma do nazismo e que previa um massacre, Auschwitz era impensável: “não tínhamos acreditado, em parte porque vai contra toda necessidade, não tinha qualquer objetivo militar”<sup>16</sup>. O mundo subitamente deixou de ser um lugar aprazível, e a segurança passou a ser uma mancha negra no coração dos refugiados, pois estes não entendem, não aceitam estarem tão casualmente vivos<sup>17</sup>.

Após Auschwitz, as opiniões políticas de Hannah Arendt ficaram ainda mais duras e desmedidas; ela se excedia. Falava da falta de resistência judaica, de vergonha e vitimização, expunha-se de forma agressiva, contraditória e problemática. Tentava compreender a si mesma e a tragédia, qual seu papel dentro dela, como reagir e como pensá-la. Somente a literatura de Kafka é capaz de oferece uma luz, um caminho para compreensão, ele foi “o único escritor que pressentiu que o mundo *a priori* imaginário do pesadelo se tornaria realidade”<sup>18</sup>.

Em 1944, Hannah publicou *Zionism Reconsidered*. O texto representou um marco em suas pesquisas, pois inspirou as seguintes reflexões sobre nação, Estado e democracia. Com ele, ela rompeu, definitivamente, com o movimento sionista, constando seu fracasso como um movimento libertário. Hannah Arendt acreditava que o projeto sionista só podia ser permitido se levasse em consideração o povo árabe, que habita não só a própria Palestina, como também o território que a cerca. Ela sustenta a ideia de uma cooperação binacional entre árabes e judeus, pois “o nacionalismo, já bastante nefasto por confiar exclusivamente na força bruta da nação, nessa situação geograficamente difícil, com territórios tão pequenos, só pode desembocar num conflito trágico”<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 213.

<sup>17</sup> No filme *Stefan Zweig – Adeus Europa* (2016), é 1942 e o famoso escritor austríaco que fixa residência em Petrópolis, no Rio de Janeiro, recebe centenas de cartas da Alemanha com pedidos de socorro urgentes. Ele não consegue atendê-las e é desesperador. No paraíso tropical onde se refugia, a beleza e a calma parecem excessivas. Em um ato premeditado, ele e a esposa suicidam-se pacificamente, sem deixar muitas explicações. As longas tomadas refletindo a paisagem e a desolação das personagens, nos fazem refletir sobre a impossibilidade para o refugiado de viver em segurança e conforto frente à realidade dos que permaneceram na Europa e que poderia ter sido a sua: o campo e a morte.

<sup>18</sup> ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Tradução Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 220.

<sup>19</sup> *Ibid*, p. 223.

Com o fim da guerra, em setembro de 1945, foi novamente possível estabelecer contato com a Alemanha. Descobre que Jaspers e a esposa estão vivos e isso a reconforta; ela escreve a eles, dizendo sentir-se mais em casa no mundo ao saber que eles permanecem nele também. Ela iniciou com Jaspers uma intensa correspondência a partir de então, sentem-se não mais professor e aluna, mas velhos amigos e sobreviventes. Juntos, eles tentavam encontrar um *modus vivendi* para a Alemanha, arrasada econômica e moralmente. E, é claro, conversavam sobre Heidegger, esse “assassino em potencial”, como Hannah o chama; deverá ele ser julgado pelos seus crimes nazistas, mas como? E o que será de sua filosofia? E de suas amizades, algo ainda resta? Hannah descobrirá que, quanto a ela, sim. Jaspers, no entanto, passará anos tentando reaproximar-se do antigo parceiro e esperando uma manifestação de arrependimento que ele nunca escreverá.

Os escritos de Hannah Arendt sobre as vítimas do Holocausto são fuzilantes. Enquanto Thomas Mann e outros questionavam a passividade do povo alemão durante os doze anos de regime nazista, Hannah refletia sobre a responsabilidade do povo judeu em seu próprio extermínio. Por que as vítimas dos campos “morreram feito gado; como coisas sem corpo nem alma, nem mesmo um rosto sobre o qual a morte pudesse pôr seu selo”?<sup>20</sup>. Ela conclui que não houve resistência, pois para ela resistir era pegar em armas e lutar. Nunca reconheceu a resistência de recusar-se à anulação completa, que é anterior às formas políticas e ideológicas, e que os sobreviventes levaram anos para conseguir nos comunicar. Hannah Arendt resiste ao emocional da questão, quer evitar uma conclusão da história que quer bastar-se julgando o povo alemão como culpado e o judeu como inocente. E ela precisa permanecer à margem para continuar uma pensadora livre e independente.

A partir de 1946, ela trabalha na redação de *Origens do totalitarismo*, orientada por Jaspers. Publica em revistas, informa-se constantemente sobre o que está acontecendo no mundo, especialmente na Palestina, envolve-se e milita. Em 1948, Hannah conheceu Judah Magnes, líder de oposição à Agência Judaica, eleito como a única terceira via possível de resolução para o conflito palestino. Ela trabalhou para ele como *political adviser*, período durante o qual se afastou de suas pesquisas para estudar planos de paz, propostas diplomáticas

---

<sup>20</sup> Ibid, p. 249.

e mapas. Ela acreditava na resolução do conflito e queria ter um papel nela. Porém, Magnes morre subitamente e junto com ele a esperança. Hannah fica arrasada, continua a militar participando de falas e assembleias, até o dia em que, frente a um auditório hostil, ela é acusada de ser uma má judia. Aquilo é demais pra ela, decide afastar-se, diz que não foi feita para a militância, pois é “emotiva demais, a flor da pele demais, que não tem tática o suficiente, além de ser exageradamente apegada a verdade”<sup>21</sup>.

No final de 1949 retornou pela primeira vez à Europa a trabalho pela Organização para a Reconstrução da Cultura Judaica, da qual foi diretora de pesquisa entre 1948 e 52. Sua função era pesquisar e recolher o que restava de manuscritos hebraicos na Europa após os incendiários nazistas. Ao passar por Freiburg, não conseguiu evitar: enviou um comunicado à Heidegger; no mesmo dia ele está a sua espera no hotel. É o primeiro encontro após vinte anos de silêncio. Este encontro é cercado de mistérios e acontecimentos, e ainda inspira pela intensidade.

Hannah é uma leitora comprometida com seu tempo, com seus contemporâneos. Lê muito do que é produzido em teoria e em literatura e aproveita muitos conceitos e ideias de terceiros em suas produções, cujo conjunto de citações e referências contempla diversas áreas. Sua pesquisa sobre o totalitarismo caminha no esforço de extrair os elementos comuns das práticas totalitárias, independente desta seguir uma ideologia de esquerda ou direita; ela reformula e amplia a própria noção de regime totalitário. É a única mulher do século XX que tentou dar conta de compreender e descreve as grandes cisões de seu século. Reflete sobre os apátridas e refugiados, sobre a total falta de direitos humanos a qual eles são submetidos pela comunidade internacional. Informa-se constantemente durante todo o processo de escrita, sua matéria é viva e transforma-se constantemente. Ela produzia e vivia intensamente.

Seus textos, na medida em que são publicados, tornam-se o centro dos debates. Com o lançamento de *Origens do totalitarismo*, em 1951, e *A condição humana*, em 1958, ganha notoriedade e passa a ser convidada para colóquios e seminários tanto na América quanto na Europa. Em Princeton, ela é a primeira mulher a lecionar para cursos que, inclusive, são

---

<sup>21</sup> Ibid, p. 275.

interditados para alunas – aceita dar aulas na condição de que elas sejam abertas para as estudantes mulheres e que ao menos uma esteja matriculada na turma.

A partir dos anos 50, torna-se uma pesquisadora de renome. Mas sua fama na Europa parece não interessar a Heidegger, com quem se corresponde regularmente; ela sempre lhe enviava suas obras publicadas, porém nunca soube se ele chegou a ler alguma. Ao que parece, ele se esforçava para ignorar o reconhecimento que sua ex-pupila recebia pela produção de uma obra singular, original e completamente divorciada de sua filosofia. Eles não se viram sequer uma vez entre os anos de 1952 e 1967 que, não por acaso, foi o período em que Hannah Arendt mais produziu e publicou – ela, porém, nunca deixou de trabalhar na revisão das traduções das obras de Heidegger nos Estados Unidos, ou de divulgar sua filosofia. Hannah esteve sempre bem consciente quanto às exigências do egocêntrico filósofo, submetia-se a elas quando tinha disposição, e afastava-se quando não tinha. Como ela escreveu ao marido:

O fato de meu livro estar para sair logo agora...cria a pior circunstância possível. Ele não sabe que eu estou no país, mas de qualquer modo tenho impressão de que não tem interesse em me ver agora. Motivo: leia acima... Como você sabe, estou disposta a me comportar diante de Heidegger como se nunca houvesse escrito uma palavra e nunca fosse escrever nenhuma. E aí está a *conditio sine qua non* dessa história toda... (ETTINGER, E., 1995, p. 106)

Em 1960, Israel anuncia a polêmica captura<sup>22</sup> de Adolf Eichmann. Hannah acompanha com excitação as notícias e escreve para o diretor da revista *The New Yorker* se oferecendo para cobrir por eles o processo. A revista aceita; é uma honra ter a maior politóloga contemporânea se oferecendo para trabalhar por eles, contanto que não sejam obrigados a publicar o material produzido: Hannah Arendt, a jornalista, instiga curiosidade e medo nos editores. Seus amigos tentam dissuadi-la a partir, temem pelo que produzirá da experiência; Jaspers acredita que o processo sequer deveria acontecer e que Israel deveria renunciar ao processo judiciário a favor de um processo de esclarecimento histórico. Hannah defende o

---

<sup>22</sup> A Argentina não expatriava os nazistas exilados no país, Eichmann foi capturado pelo serviço secreto israelense, aceitou assinar um texto pronto em que se declarava disposto a ser entregue à justiça de Israel, e foi levado à Jerusalém em um avião oficial do Ministro de Exteriores de Israel. Muitos consideram sua captura ilegal por violar a soberania nacional da Argentina.

juízo, pois, se alguém pode falar pelos judeus do mundo, este alguém é o Estado de Israel, mas teme que o processo seja manipulado e usado em favor da propaganda sionista. Ela vai, e seus amigos não poderiam estar mais certos, o que ela produziu desta experiência é um primoroso livro-reportagem que a atormentou por anos quase ao ponto de obrigá-la ao ostracismo, que lhe custou amizades, mas que também mobilizou discussões nunca antes propostas e que provavelmente assim permaneceria não fosse sua coragem de sustentá-las.

Ela não acompanhou todo o processo; observou o que ele criava de memória coletiva de forma analítica e intelectual. De forma que possivelmente nunca tenha se dado conta de como ele foi importante ao promover, pela primeira vez, o relato das vítimas. Ela preferiu o ponto de vista jurídico, e deste ponto de vista sugere o aparente absurdo de escutar Eichmann, realmente escutar o acusado. Pois, e se o carrasco realmente estivesse falando a verdade quando diz nunca ter tido nada contra judeus e apenas seguir ordens, como era de seu direito e dever? A originalidade de seu ponto de vista jurídico é drástica, mas para ela, muito mais fácil do que enxergar Eichmann como carrasco, era enxergá-lo em sua normalidade. É muito mais reconfortante classificar Eichmann como um monstro, ela nos diz, mas monstruosa é a sua normalidade, assim como a de toda a população alemã que apoiou o regime.

A publicação dos artigos na revista e em seguida do livro causaram uma tormenta de respostas negativas; muitos se voltam contra ela dentro e fora da comunidade judaica. Cada nova tradução que é lançada reacende a discussão. Para se acalmar, ela busca o isolamento e a filosofia.

Em 1969, Jaspers falece, e Hannah, com 63 anos, é a politóloga mais solicitada dos Estados Unidos, mas ela está decidida a voltar a ser filósofa. Em 1970, Heinrich morre subitamente de um ataque cardíaco. Perder seu marido é a concretização de seu maior medo, sem ele está sozinha no mundo. Mas com a ajuda das amigas (Anne Weil, Mary McCarthy, Lottle Khöler – as duas últimas foram suas testamenteiras literárias), recupera-se lentamente, sem nunca deixar de trabalhar e escrever, seu refúgio.

Nos últimos anos de vida, corresponde-se regularmente com Heidegger – a quem visita uma última vez em 1974 –, e está mergulhada em filosofia. Quer responder à pergunta que a atormenta desde sempre: afinal, o que é pensar?. Passa grande parte do tempo em casa, trabalhando em manuscritos, e recebendo amigos que de sua “tribo” de emigrados pra jantar.

Em 4 de dezembro de 1975, Hannah têm na escrivaninha o manuscrito de *A vida do espírito* pronto para publicação. Ela recebe um casal de amigos para o jantar, e durante uma forte crise de tosse tomba inconsciente em sua poltrona, vítima de um infarto fulminante que a fez interromper, pela primeira e definitiva vez, a atividade que mais lhe atormentava, porém lhe assegurava de sua humanidade: pensar, com independência.



Figura 3. Hannah Arendt aos 69 anos, em 1974.

Pária, exilada, apátrida durante boa parte de sua vida e uma declara *outsider* durante toda ela, Hannah Arendt fez de sua pátria o filosofar. Absolutamente comprometida com seu tempo e em compreendê-lo, a história de sua vida é também a história do coletivo, os registros fotográficos dispostos ao longo deste trabalho, em especial o derradeiro, ilustram: a trajetória de um século foi marcada em sua pele.

### 3 COTEJOS LITERÁRIOS

#### 3.1 Literatura: presença constitutiva

Hannah Arendt foi uma das grandes leitoras do século XX, não só ela leu e interpretou o século em que viveu em seus grandes e sombrios momentos, em suas diversas conjunturas políticas, e os traduziu em uma obra teórica vasta e de considerável multiplicidade de gêneros: da monumental pesquisa histórica a ensaios de ciência política, filosofia, crítica literária, além de biografias e resenhas sobre grandes nomes da filosofia, literatura e política universal. Como também foi uma grande e atenta leitora da literatura produzida no século XX, sobre a qual escreveu e debateu com paixão em ensaios, artigos, resenhas, cartas e, pelos relatos, nos prazerosos jantares que servia aos amigos mais íntimos em seu apartamento em Nova York. Suas obras de filosofia e teoria política devem muito à literatura, não só à do século XX, mas também à literatura clássica grega e latina e literatura à romântica do século XIX. Na literatura ela buscou os modelos que lhe ajudaram a compreender e explicar o mundo.

A literatura foi, de fato, sua primeira paixão. Segundo o diário de Martha Arendt (“*Unser Kind*”, ou “nosso bebê”), preciosamente carregado para o exílio na França e posteriormente para exílio na América, “aos nove anos, mais do que qualquer coisa, ela ama letras e livros”. Nesta espécie de diário de bordo que manteve durante toda a primeira infância da filha, ela anotava toda perceptível evolução física e psicológica da menina, que, se para a música não demonstrava talento algum, aos três anos já se expressava com clareza e parecia muito madura do que sua idade sugeria.

Para uma criança apaixonada pelas letras e pelos livros, nada era mais satisfatório do que o acesso irrestrito que lhe era garantido à vasta biblioteca do pai, um amante das letras clássicas. Hannah se alfabetizou e formou-se leitora nessa biblioteca, onde ela teve liberdade e autonomia para desenvolver-se de maneira autodidata. Foi lá que conheceu os clássicos gregos e romanos que a acompanhariam em suas reflexões durante todo o seu percurso intelectual. Quando entra no jardim de infância surpreende a mãe: já sabe ler. Hannah sempre se lembraria com gratidão dos pais pela liberdade que lhe foi concedida.



Jovem, demonstrava um apetite voraz de leitura; suas fortes crises existenciais e de angústia a impeliam ao mundo da reflexão, da introspecção e da criação poética. Ela se debruça sobre o romantismo alemão e sobre salões literários judaicos do século XVIII. Estuda sozinha, lê Hegel, Kant e Kierkegaard, estuda teologia e lê poesia romântica. É uma jovem de espírito romântico e chegou até mesmo a escrever uma coleção de poemas publicados postumamente.

Com Heidegger, ela lê Goethe e Holderlin enquanto dão passeios intermináveis na floresta negra. Com o marido Günther Stern e o amigo Walter Benjamin, ela lê e dissecava Kafka durante os anos de exílio na França. O modelo de reflexão kafkaniano, que se concentra em fazer perguntas e não em dar respostas, influenciará para sempre a reflexão de Hannah Arendt. Para ela, a personagem K. é a manifestação ficcional do drama judaico, pois ele “faz um esforço, tão familiar a nós, judeus, em fazer parte do todo e ser aceito”<sup>23</sup>. Vivendo em situação precária na França, consome mais literatura do que comida.

Na América, onde ela enfim encontrou paz e uma nova cidadania, publicou diversas resenhas, além de estudos biográficos e homenagens aos grandes escritores de literatura de seu século, alemães, mas não apenas, alguns amigos e companheiros de exílio, como Walter Benjamin e Bertolt Brecht, e também outros nomes, como Hermann Broch. Na clássica divisão literária entre os grupos dos dionisíacos e apolíneos, para Hannah Arendt seus representantes maiores eram: do primeiro, Brecht e Joyce; do segundo: Kafka, Proust e Broch. A literatura de autoria feminina também foi homenageada por ela com estudos e ensaios publicados. Escreveu sobre as escritoras e pensadoras Isak Dinesen (pseudônimo de Karen Blixen) e Nathalia Sarraute, além da militante Rosa Luxemburgo e da ativista cultural Rahel Vernhagen. Ela também lia e comentava antes de sua publicação os livros da amiga Mary McCarty, e, em carta, comenta ter descoberto e se surpreendido muito positivamente com os romances de Virginia Woolf que conheceu em viagem pela Inglaterra. A autobiografia do escritor austríaco Stefan Zweig foi lida com muito interesse por Arendt, que nela encontrou um relato detalhado da figura do judeu assimilado, assim como os volumes de *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust, que lhe interessou pelo mesmo motivo. Suas produções

---

<sup>23</sup> ADLER, Laure. **Nos passos de Hannah Arendt**. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.137.

filosóficas estão repletas de referências literárias. Entre os poetas, os mais citados e referenciados em seus textos são: Rainer Maria Rilke, W. B. Yeats, Emily Dickinson, W. H. Auden, Randall Jarrel, Paul Valéry, além dos clássicos gregos e latinos.

Hannah Arendt foi uma leitora atenta e crítica da literatura produzida por seus contemporâneos. Júlia Kristeva, na biografia dedicada a ela, explica que, entre os romancistas contemporâneos, Arendt tinha preferência por aqueles que testemunhavam atentamente aos fatos históricos e então revelavam aos leitores suas compreensões ocultas através de suas ficções, relacionando testemunho pessoal com experiência histórica e criação artística. Muitos de seus autores preferidos compartilhavam com ela uma característica em comum: o parianismo; eram *outsiders* também, por escolha ou pelo destino. Hannah Arendt estimava o inconformismo social como uma característica essencial para a produção intelectual de qualidade.

Além de leitora, ela também desempenhou importante papel editorial. Ajudou na divulgação e publicação de escritores alemães judeus e não judeus nos Estados Unidos. É uma das responsáveis pelo reconhecimento que vieram a ter no continente o nome de seus dois mestres: Martin Heidegger e Karl Jaspers, e de Walter Benjamin, cujos últimos manuscritos – entre eles, as *Teses sobre o conceito da história* – ela trouxe consigo da França. Trabalhou como editora na Schocken Books, nos anos 1940, onde organizou a publicação dos diários de Kafka, e transformou seu escritório em uma sala de encontros por onde passaram jovens escritores americanos e alemães exilados.

Num esforço para compreender de que forma o pensamento arendtiano se apropria e desenvolve em suas análises algo que se, em gênero, não se aproxima tanto da crítica literária, ao menos lhe serve com novas compreensões do fazer literário e sua relação com a política e a história, o subcapítulo a seguir apresenta três ensaios sobre três escritores de importante valor para a biografia de Hannah Arendt e para os estudos literários do século XX: Franz Kafka, Walter Benjamin e Bertolt Brecht. Escritores de língua germânica, judeus e párias conscientes, cujas obras seguem com primazia as características antes mencionadas: testemunham a história e expõem, de forma singular, suas verdades ocultas, seja através do romance, da poesia e do teatro, ou da crítica literária.

### 3.2 Reflexões literárias: Kafka, Benjamin e Brecht

Os ensaios selecionados para análise são: *Walter Benjamin (1892-1940)* e *Bertolt Brecht (1898-1956)*, que integram a coletânea *Homens em tempos sombrios*, organizada e lançada por ela mesma em 1968; e *Franz Kafka: uma reavaliação*, publicado em 1944 na revista *Partisan Review*, e incluído na coletânea *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*, organizado por seu ex-aluno Jerome Kohn. Não são ensaios de crítica literária, tampouco de jornalismo político ou puramente de pesquisa biográfica, no entanto, ao circular por estas três áreas servem em igualdade a todas elas. Neles estão presentes características da filosofia política arendtiana, que ganham um aspecto didático ao servirem à explicação das áreas mencionadas, ao mesmo tempo em que as complexificam com novas perspectivas de análise.

Estes textos não foram escritos especificamente para especialistas de uma ou outra área de estudo, mas, acredito, com o intuito de instruir qualquer cidadão interessado em compreender melhor seu tempo, ou o tempo que lhe antecedeu, a partir da biografia e obra de suas personalidades mais complexas. A Arendt interessa de que maneira foram afetados pelo contexto histórico no qual viveram, como isso alterou suas trajetórias e o conteúdo de suas obras. Seu esforço, qualquer que seja o estudo que empreenda, parece ir sempre na direção de compreender em sua amplitude, complexidade, singularidade e pluralidade o mundo que a cerca.

Proponho, portanto, uma leitura que interseccione aspectos biográficos e filosóficos tanto dos retratados nos ensaios quanto da própria autora, na medida em que isto nos ajude a compreender um pouco melhor sua persona escritora, sua obra em termos gerais, assim como o contexto na qual está inserida.

No ensaio sobre Bertolt Brecht, Hannah Arendt aponta aspectos da biografia política do escritor e momentos de sua produção que traçam o que ela chama de “história de caso sobre a relação incerta entre poesia e política”<sup>24</sup>. Para tal, ela propõe uma perspectiva que intercruza análise literária, estudo de autor, contexto político e histórico. Tal estudo de caso,

---

<sup>24</sup> ARENDT, H. Bertolt Brecht: 1898-1956. In: \_\_\_\_\_ **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.225.

ela diz, não deve interessar apenas aos críticos literários, mas a todos que, como cidadãos, compartilham do mesmo espaço público com os poetas. Afinal, “a voz do poeta concerne a todos nós, não apenas aos críticos e especialistas; concerne a nós em nossas vidas privadas e também na medida em que somos cidadãos.”.

Sabe-se que as más ações dos poetas são toleradas com maior permissividade; para Goethe, os poetas podem pecar mais do que é concedido aos simples mortais. No entanto, Arendt escreve, existem pecados e pecados. Não se trata de uma tentativa de traçar a linha de tolerância da qual um poeta não pode passar - “não há nenhuma forma mais segura de se fazer de tolo do que montar um código de conduta para os poetas” –, ou de julgar de acordo com determinada moral cotidiana, o poeta deve ser julgado a partir de sua própria poesia, e é ela quem dará a sentença final. Pois, embora muito lhes seja permitido em seu fazer poético, tudo não é.

Ela cita o exemplo do escritor norte-americano Ezra Pound, manifestadamente antissemita. Se ele odiava judeus intimamente, ela escreve, é assunto privado e de pouca importância política, mas alardear esta aversão em um momento em que judeus eram mortos às centenas é um pecado bastante diferente. No entanto, no mesmo ano em que ele quase foi levado a julgamento pelo governo americano por traição em tempos de guerra – ao que parece, o governo desistiu, pois Pound poderia alegar insanidade e sair impune –, foi condecorado por uma comissão de poetas pelo mais belo poema do ano de 1948. A comissão de poetas que o avaliou não levou em conta seu comportamento como cidadão, e nem deveriam, pois sua função era julgá-lo como poeta. O caso dos pecados de Brecht, porém, apesar de menos grave, não foi cometido por um homem insano, nem por um cidadão simplesmente. Brecht estava lúcido e foi como poeta que pecou. Um poeta “inteiramente são e altamente inteligente” como ele era, consciente de sua culpabilidade, não poderia se esquivar da punição; e diferente de Pound, Brecht pagou pelo seu crime com o pior que pode acontecer a um poeta: Brecht perdeu sua poesia.

O pecado ao qual Arendt se refere não é o de ter sido comunista nos anos 1920 e 30, quando ainda não se sabia a que velocidade Stálin conduzia o Partido em direção ao totalitarismo, nem o de ter permanecido comunista durante os Processos de Moscou, ou durante a Guerra Civil Espanhola, ou na época do pacto Hitler-Stálin – tudo isso ele poderia

ter feito como cidadão. Mas o de ter escrito poemas e odes a Stálin e aos crimes de guerra stalinistas mesmo depois disso tudo, nos anos 1950, e mesmo vivendo na Berlim Oriental, onde teve consciência definitiva do que significava viver sob um regime totalitário (“afinal, uma coisa é dizer aos amigos e conhecidos com opiniões discordantes: ‘Fuzilaremos vocês também quando tomarmos o poder’, e outra coisa totalmente diferente é viver num lugar onde ocorrem coisas piores que o fuzilamento àqueles que discordam dos que tomaram o poder de fato”<sup>25</sup>).

Sua sorte poética não o abandonou enquanto a sua poesia ainda falava a verdade, mesmo que como cidadão ele pecasse ao estar de acordo com esta verdade. Arendt cita a peça *Medida adotada*, encenada em 1930. O argumento da peça, que causou muita polêmica e indignação, afirma que, em nome do Partido, os camaradas que por sua bondade, humanidade ou apego a justiça representassem um obstáculo à revolução poderiam ser sacrificados em nome dela. Neste momento, Brecht ainda não pecara como poeta, pois o que retratou em sua peça não era uma apologia ou um elogio, era simplesmente uma grande verdade oculta que só seria revelada anos mais tarde, com os Processos de Moscou. Ela o abandonou, enfim, quando, ao se tornar um poeta engajado, tentou ser mais que uma voz que fala de si, mas uma que fala pelo Partido. “Ser uma voz daquilo que julgava ser a realidade afastou-o do real”, e sua poesia mentiu; e sua sorte poética, outorgada pelos deuses da poesia, foi tomada por esses como punição.

Graças à boa fé dos editores, os poemas de elogio à Stálin foram excluídos das coletâneas póstumas, mas os indícios da decadência que eles lhe custaram são percebidos nos demais poemas deste período, todos eles fracos e pobres. As próprias odes são a prova de que o preço de exaltar um governo assassino – consciente de que o era – lhe foi cobrado quase de imediato, pois “soam como se tivessem sido fabricado pelo imitador menos talentoso que Brecht jamais teve”. Seus poemas são a prova objetiva e inquestionável de que ele transgrediu o amplo limite permitido aos poetas.

Esta é a tese apresentada e defendida por Arendt: ela analisa sua produção literária comparativamente à biografia política do autor e ao contexto histórico de produção,

---

<sup>25</sup> Ibid, p.234.

concluindo ser verdade o que diz Goethe de que aos poetas é permitido mais, mas cruzada a linha de tolerância, seus pecados são vingados pelos próprios deuses da poesia; e eles têm de arcar com as consequências da culpa e da responsabilidade por seus atos. Mas a única forma inequívoca de determinar o tamanho de seus pecados é ouvir sua poesia, pois “embora muito lhes seja permitido, não é verdade que ‘os que louvam o ultraje têm vozes primorosas’”<sup>26</sup>.

Brecht e Walter Benjamin foram amigos. Foi Brecht quem nos anos 1940, nos Estados Unidos, ajudou Hannah Arendt a publicar os textos de Benjamin. No ensaio dedicado a Walter Benjamin, Arendt lembra essa amizade como “única pelo fato de que, aqui, o maior poeta alemão vivo se encontrou com o crítico mais importante na época, coisa de que ambos tinham consciência”<sup>27</sup>. Ela parece demonstrar sua aquiescência à relação contrapondo às suas opiniões as de Scholem e Adorno, que consideravam a amizade desastrosa e desfavorável ao pensamento de Benjamin, pois Brecht o estimulava no uso não dialético das categorias marxistas e no seu rompimento com o pensamento metafísico. Juntos, eles praticavam o que chamavam “pensamento cru”, um pensamento não necessariamente apegado ao pragmatismo ou à ação, mas à realidade. Para Benjamin, é a linguagem cotidiana dos provérbios e expressões populares que manifestam com maior clareza a realidade:

... a arte de tomar literalmente a linguagem proverbial e idiomática permitiu a Benjamin – como a Kafka, em quem muitas vezes se podem discernir nitidamente como fonte de inspiração figuras de linguagem que fornecem a chave de muitos “enigmas” – escrever uma prosa com uma proximidade tão singularmente encantadora e encantada da realidade. (ARENDR, H., 2008, p. 182)

Arendt afirma que, apesar de crítico, Benjamin pensava poeticamente. Não pretendia validar suas afirmações, preferia expressar suas ideias através de metáforas, cuja compreensão é sensorialmente percebida e dispensa interpretações, e que ele deveria achar mais fácil comunicar-se com poetas do que com outros críticos. Brecht foi um dos primeiros a reconhecer a envergadura da obra de Benjamin; conta Arendt que, ao ter recebido a notícia de sua morte, Brecht teria dito ser esta a “primeira perda efetiva que Hitler causara à literatura alemã”.

---

<sup>26</sup> Ibid, p. 229.

<sup>27</sup>ARENDR, H. Walter Benjamin: 1892-1940. In: \_\_\_\_\_ **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 180.

Entre outras questões apontadas no ensaio e que julgo não caberem nesta seção – mas que são de grande interesse para quem se interessa pela obra benjaminiana, pois propõem um olhar ao mesmo tempo crítico e afetuoso, através dos olhos desta que além de pensadora fortemente influenciada por ele, foi também sua amiga íntima – Arendt tenta resolver a questão do fenômeno social de “fama póstuma”.

A fama, ela escreve, é uma deusa muito cobiçada e de várias faces. A Walter Benjamin, assim como para Kafka, foi concedida a menos desejada delas: a fama póstuma. O nome de Benjamin só ganhou estima na Alemanha quinze anos após sua morte, Kafka só começou a ser amplamente lido nos anos 30. Mas este fenômeno não se justifica simplesmente acusando de cegueira o ambiente literário que lhes foi contemporâneo, nem com o clichê de que são escritores que estavam à frente de seu tempo (“como se a história fosse uma pista de corrida onde alguns competidores corressem tão rápido que simplesmente desapareceriam do campo de visão do espectador”). Pelo contrário, precede a fama póstuma o mais alto reconhecimento. Kafka era, para os poucos que o leram nas primeiras décadas do século, um dos mestres da prosa moderna, assim como Benjamin era para seus companheiros um dos grandes críticos alemães. Arendt elabora uma explicação um tanto mais interessante.

Socialmente estamos constantemente elaborando classificações, ela escreve. Coisas e homens são dispostos em classes e tipos prescritos, e a discriminação em tipos é elemento constituinte do âmbito político. Cada um de nós deve responder à pergunta: *o que sou?* – diferente de *quem sou* – para, a partir da resposta, compreender sua função e papel social, e “a resposta, evidentemente, nunca pode ser: Sou único”, pois além de arrogante, não faria o menor sentido: todos somos classificáveis. A produção intelectual de Benjamin e Kafka, no entanto, tem caráter tão excepcionalmente *sui generis*, que não puderam ser comparados a mais nada e não foram inseridos em categoria alguma. A originalidade do pensamento crítico benjaminiano, assim como a originalidade da prosa kafkaniana, não possuem nenhum predecessor<sup>28</sup>, tampouco seguidor – as inúmeras tentativas de escrever ao modelo kafkaniano foram todos “melancólicos fracassos, apenas serviram para acentuar o caráter único de

---

<sup>28</sup> Por comprometimento aos estudos literários, é preciso fazer uma ressalva neste ponto e lembrar que esta posição em relação à obra kafkaniana não é unânime, e sobretudo que ela não é compartilhada por Jorge Luis Borges, que em 1953 publicou o ensaio *Kafka e seus precursores*, no qual ele localiza a prosa kafkaniana dentro da tradição literária e filosófica.

Kafka”. A fama póstuma, podemos concluir, não é o carma daqueles que não foram reconhecidos em vida, eles o foram, ela é o carma dos inclassificáveis, daqueles cuja originalidade foi tão absoluta que não puderam ser inseridos em nenhuma classificação, exigiram uma nova.

Kafka é, aqui, o denominador comum entre Brecht, Benjamin e Arendt – talvez ele seja mesmo denominador comum entre todos os escritores alemães do século XX. É da mesma geração de Brecht, mas sua morte precoce, em 1924, o coloca de certa forma à parte. Mas se como indivíduo não partilhou muito do mesmo tempo e espaço com os demais nomes mencionados, seus livros, por outro lado, percorrem e cruzam suas trajetórias e pensamentos. Arendt escreve um ensaio em sua homenagem no ano de 1944, pelo seu vigésimo aniversário de morte. E este texto, escrito nos Estados Unidos, em um dos momentos mais sombrios do século XX, torna-se ainda mais esclarecedor quando lido com atenção ao contexto histórico e a aspectos biográficos da autora.

Arendt leu muito Kafka. Enquanto Benjamin escrevia seu ensaio sobre *O Castelo*, era com Hannah que conversava por horas sobre o autor, tentavam tornar mais suportável com a literatura o exílio na França. No drama dos heróis kafkanianos, ela encontrou paralelos que a ajudaram a compreender seu próprio drama pessoal de refugiada alemã e judia. A construção do absurdo burocrático, a manutenção arbitrária e mecânica de uma justiça não apenas inacessível e incompreensível, mas sobretudo irracional da qual os personagens sempre acabavam vítimas, lhe inspiraram no estudo do complexo sistema de governo, igualmente irracional, do qual foi vítima: o totalitarismo.

Para Arendt, o leitor de Kafka dos anos 1920 e 30 precisou elaborar interpretações a partir de perspectivas de análise menos evidentes, que aparentavam profundidade, mas que na realidade tergiversavam o assunto real do texto, pois até então o relato do livro assustava mais que a materialidade da coisa nele retratada: a burocracia. Kafka era funcionário de uma empresa de seguros de trabalhadores austro-húngara e conhecia bem a máquina administrativa e seu potencial de automatismo insensato. “Sabia que um homem apanhado na máquina burocrática já está condenado”, e quis expor este sistema em sua estrutura oculta. Mas o leitor do pré-guerra, este leitor moderno, imerso em paradoxos e pouco atento ao racional, estava



tão bem adequado à sociedade descrita na obra, tão bem inserido nela, que não pôde ler Kafka com a literalidade necessária para realmente compreender a obra.

Na análise de *O processo*, ela não foge à análise estrutural da obra em si, mas seu impulso parece ser sempre na direção da análise política e contextual exterior à obra – o que, se a impediu de, talvez, tornar-se uma ótima crítica literária, a transformou em uma excelente politóloga. Sua análise do personagem K., um bancário que nunca teve tempo para “ponderar sobre generalidades” e que um dia descobre estar sendo julgado por um crime que desconhece, é condenado à pena máxima por um sistema de justiça que não compreende, e submete-se a tudo por um sentimento de culpa criado pelo próprio sistema no ato de acusação, leva diretamente a uma análise da conjuntura política. Ela escreve:

É característico de nosso século com sua consciência histórica que seus piores crimes tenham sido perpetrados em nome de algum tipo de necessidade ou em prol – o que resulta na mesma coisa – da “onda do futuro”. Às pessoas que se submetem a isso, que renunciam à sua liberdade e a seu direito de ação, mesmo que venham a pagar sua ilusão com o preço da morte, dificilmente se pode dizer algo mais caridoso do que as palavras com que Kafka encerra *O processo*: “Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele”. (ARENDDT, H. 2002, p. 98)

É complexo afirmar quem são “as pessoas” e o “isto” a quem Arendt se refere nesta passagem. Certamente a referência pode ser atribuída aos dirigentes nazistas e aos alemães que apoiaram, seja pela ação ou omissão, o regime e seus crimes contra o povo judeu. O povo alemão abriu mão de sua liberdade e direito de ação em nome do partido que vendia a ilusão de uma Alemanha mais promissora. Muitos pagaram com a morte por esta ilusão, e sem dúvidas a vergonha sobreviveu a todos eles. Mas, refletindo sobre sua biografia e suas posições políticas da época em que o ensaio foi produzido, uma perspectiva talvez um tanto mais ousada pode atribuir estas referências às próprias vítimas e ao próprio holocausto. Hannah Arendt foi muito criticada por sua postura pouco solidária em relação às vítimas (“morreram feito gado, sem corpo nem alma”), e por criticar abertamente as instituições judaicas que, em sua opinião, são responsáveis pelo número de mortos ser tão catastróficamente alto.

No ano de 1944 rompe definitivamente com o movimento sionista e torna-se uma crítica ferrenha dos organismos de apoio judaicos. Critica o sionismo por fortalecer o mito do

judeu como o povo escolhido e eternamente perseguido, e afirma que muitas vítimas deixaram-se levar para a morte sem resistência por acreditarem no fardo do povo judeu, e interpretarem seu sofrimento como uma punição. A descoberta do Holocausto foi um golpe para o Sionismo mais em função do caráter de fraqueza que ele expunha do que pelas perdas humanas. Também para o povo judeu, como para a personagem K., dificilmente poderia se dizer algo mais caridoso do que: “Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele”.

A personagem K. de *O castelo* é um tanto diferente. A personagem chega a uma vila, apresenta-se como o agrimensor e espera ser aceito como tal. A vila e os aldeões vivem em função do castelo e seus funcionários, suas profissões e suas relações pessoais são administrados por ele, mas sem que nunca se saiba de que maneira. K. é um forasteiro, não compreende as leis de convivência do lugar, a submissão ao castelo e à administração fantasma. Apresenta-se como agrimensor e é aceito como tal, mas sem receber nenhuma incumbência, sem nenhum trabalho. É uma jornada de reivindicações, K. quer: um trabalho, uma casa para morar, casar-se, ser aceito e um membro útil da comunidade. Mas o que ele reivindica, para o universo kafkiano, não são direitos inalienáveis do homem, mas privilégios outorgados por quem está em cima, um dádiva concedida por um poder superior e inatingível. K. é o único indivíduo daquela sociedade que percebe estas coisas como direitos. “Para os aldeões, a estranheza de K. consiste não em ser privado de todas as coisas essenciais da vida, mas em pleiteá-las”<sup>29</sup>.

Segundo Hannah Arendt, o mundo kafkiano de *O castelo* veio de fato a se concretizar, e a geração de leitores dos anos 1940, sobretudo aquela que teve, em suas palavras: “a duvidosa vantagem de sobreviver sob o regime mais terrível já criado pela história”, soube quão bem Kafka foi capaz de representar a natureza da burocracia: “a substituição do governo pela administração e das leis por decretos arbitrários”.

As obras de Kafka, no entanto, não fizeram uma “previsão vulgar” do futuro, mas “uma análise sóbria das estruturas subjacentes” que duas décadas mais tarde foram reveladas com o surgimento do totalitarismo, que, quando se realizou, superou em vilania e destruição o realismo fantástico de Kafka – a ruína, aliás, segundo a autora, é previsível, faz parte do

---

<sup>29</sup> ARENDT, Hannah. Kafka: uma reavaliação. In: \_\_\_\_\_. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 100.

círculo natural da vida, e a catástrofe não é tão difícil prever quanto o é a salvação, esta sim, fruto apenas da liberdade e da vontade humana. Nos anos 40, inspirada por Kafka, é sobriedade que Hannah Arendt evoca para analisar o momento histórico em que vive:

Apenas o leitor que considera a vida, o mundo e o homem tão complicados, de um interesse tão terrível, que deseja descobrir alguma verdade a respeito deles, e por isso recorre às histórias em busca de uma percepção íntima de experiências comuns a todos nós, pode recorrer à Kafka e a seus projetos, que de vez em quando, numa página ou numa simples frase, expõem a estrutura desnudada dos acontecimentos. (ARENDR, 2002, p.104)

Arendt lança à literatura e aos seus estudos de autor um olhar crítico e interessado, acima de tudo, em como ela se estabelece como um material rico para compreender o contemporâneo em suas estruturas sociais expostas e internas. Alguns de seus ensaios, no entanto, como é o caso do ensaio sobre Kafka, precisam ser contextualizados dentro de sua produção para serem bem compreendidos, tamanha a quantidade de inferências de suas fortes opiniões políticas. Os três ensaios brevemente analisados possibilitam um panorama de algumas das características mais marcantes de sua análise literária, destacando-se a biografia dos autores como elemento que auxilia na caracterização de uma época, em especial a biografia política e ideológica e sua influência nas obras; sem, no entanto, esquecer que o ponto de saída e chegada de uma análise literária é objeto literário em si.

## 4 HANNAH ARENDT: PERSONAGEM

A vida de Hannah Arendt e sua farta e bem documentada correspondência inspiraram muitas biografias – e também obras de ficção. Nas duas últimas décadas foram lançados: em 1999, um romance de autoria da escritora e filósofa francesa Catherine Clément, intitulado *Martin e Hannah*; uma peça de teatro da roteirista norte-americana Kate Fodor, texto de 2004, intitulado *Hannah and Martin*, já encenado diversas vezes pelo mundo, a última delas no ano de 2017; e uma obra de ficção cinematográfica da diretora alemã Margarethe von Trotta, lançada no ano de 2012, intitulado *Hannah Arendt*.

Selecionamos dois destes trabalhos, o romance e o filme, para analisar neste capítulo que se propõe verificar as representações de Hannah Arendt enquanto personagem de ficção. O critério de seleção foi a disponibilidade das obras no mercado; sendo a peça de teatro de difícil importação, ficou fora do conjunto.

### 4.1 *Martin e Hannah*, Catherine Clément

*How beautiful this exciting, still almost unspoken understanding is, emerging from an affinity that was created so quickly, that comes from so far away, that has not been shaken by evil and confusion. (Martin Heidegger para Hannah Arendt, correspondência)*

No ano de 1975, quatro meses antes de falecer, Hannah Arendt fez sua última visita à casa do casal Heidegger. Desde o reencontro em 1950, ela os visitou diversas vezes em suas passagens pela Alemanha, com Elfride sempre presente nessas ocasiões. Em uma delas, Hannah foi acompanhada do marido, Blücher. Sobre o último encontro, Hannah escreveu para a amiga Mary McCarty, no dia 22 de agosto: “Estive em Freiburg e voltei muito deprimida.

Heidegger de repente ficou de fato muito velho, muito mudado desde o ano passado, muito surdo e distante, inabordável como nunca o vi antes”<sup>30</sup>. Heidegger estava com 86 anos na data – ele faleceu antes de completar 87 –, e com o avanço da idade, o filósofo do Ser pareceu entrar ainda mais dentro de si mesmo.

A visita de agosto havia sido planejada por ele, que, em uma rara demonstração de reconhecimento ao seu trabalho, convidara Hanna para celebrarem o Prêmio Sonning para Contribuições à Civilização Europeia que ela recebera na Dinamarca. Hanna deveria chegar no dia combinado para tomarem uma taça de um bom vinho e, como de hábito, ficar para o jantar: “ainda há muito a ser dito”, ele escreveu no bilhete. Mas, abatido por um resfriado próximo à data da visita, encontrou um Heidegger convalescente e incomunicável; é Frau Heidegger, Elfride, quem a recebe.

A biógrafa de Hannah Arendt, e também sua pupila na New School For Social Research, Élisabeth Young-Bruhel, descreve da seguinte maneira o encontro: “O filósofo estava doente e, por isso, Elfride, muito preocupada com o marido, recebeu Hannah Arendt cordialmente, estabelecendo-se entre as duas mulheres uma trégua, uma reconciliação”<sup>31</sup>. Segundo a autora, Catherine Clément, foi essa passagem que a inspirou a escrever o romance: o enfrentamento final das duas mulheres da vida de Martin Heidegger.

A trama inicia no dia do encontro marcado, 15 de agosto de 1975. Uma forte tempestade desaba sobre cidade de Freiburg quando Hannah bate à porta da família Heidegger e Elfride a recebe. A tensão entre as duas mulheres se estabelece de imediato, e nas primeiras páginas já somos apresentados a algumas das características do conflito que transborda do plano afetivo ao político: “‘Hannah Arendt, a judia arrogante, a americana’, pensou Elfride. [...] ‘Elfride Heidegger, a alemã, a legítima esposa’, pensou Hannah.”<sup>32</sup>.

Hannah não se encontra a sós com Martin há mais de vinte anos, Elfride sempre impôs sua presença durante as visitas. Mas, dessa vez, ela lhe indica o cômodo no qual ele se acha e não a acompanha; Hannah mal pode acreditar que terá com Martin um momento a sós. Ela

---

<sup>30</sup> ARENDT, H. **Entre amigas: a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarthy**. Organização Carol Brightman. Trad. Sieni Campos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p. 358.

<sup>31</sup> Apud. CLÉMENT, C. **Martin e Hannah**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 329.

<sup>32</sup> Ibid, p. 08.

anuncia-se, mas Martin não reage, sequer levanta para recebê-la – “ele, sempre tão cortês, quase afetado!”<sup>33</sup>. Hannah encontra um Martin velho, inexpressivo, com o olhar cansado e a audição falha. Implora por um sinal qualquer, por um reconhecimento, fala-lhe de suas vidas em comum, do seu amor que persiste, “Este é talvez nosso último encontro!”. Mas Martin é uma esfinge: ““Foi por isso então que sua mulher me deixou a sós com você!”, disse Hannah consigo. ‘Safada!’”<sup>34</sup>. Hannah, frustrada, volta para a cozinha; o narrador volta-se ao tormento de Martin, ante a inércia do corpo, sua mente convulsiona: ““Te amo sempre... Te amo ainda... Me ame, Minhapessoa-Eu, Minhapessoa-Eu... Diga-me. Esforço! Tente! Diga! Cansado, esgotado. Paixão? Nazista, nazismo... Silêncio!””<sup>35</sup>.

A partir de então, a ação presente se desenvolve no embate entre Hannah e Elfride. Na ausência de Martin, as duas mulheres que em mais nada se assemelham a não ser no amor pelo mesmo homem estão libertas da única condição na qual, até então, haviam se encontrado: sob sua influência. Entre hostilidades, sarcasmos e dissimulações, a guerra que travam se reconfigura e cresce como um embate sincero que busca passar a limpo questões pessoais e históricas.

Interpõem-se ao diálogo momentos de devaneio das duas personagens, cenas do passado evocadas pela discussão. Através delas, somos levados à primeira infância e à juventude de Hannah, às cenas de sua vida universitária, dos primeiros encontros de Hannah e Martin, e de Elfride e Martin, cenas da Alemanha dos anos 1920, 30 e 40 tanto na perspectiva de Hannah – inquietude e fuga –, quanto na de Elfride – engajamento e derrota –; cenas do campo de internação de Gurs (França) e do dia em que os nazistas Elfride e Martin viram fotos de Aushwitz, de quando não foram ao velório de Husserl, antigo amigo da família, porém judeu. Reminiscências que, ao interromperem um plano narrativo e criar outro, atribuem uma característica cinematográfica ao enredo.

Convalescente na sala de estar, Martin está totalmente submerso em seu “onde” particular, tem sonhos incoerentes que são memórias, e também delírios fantásticos e filosóficos. Enfrenta em sonho seus demônios: o passado católico, o discurso de posse, o

---

<sup>33</sup> Ibid, p. 10.

<sup>34</sup> Ibid, p. 12.

<sup>35</sup> Ibid, p. 13.

apoio a Hitler e a esperança na nova Alemanha. O grande pensador do Ser que não soube julgar com integridade a história foi assujeitado por ela e quase não sobreviveu.

Sob a persistente tempestade de verão, Hannah está ilhada na casa dos Heidegger, e as mulheres conversam enquanto as horas passam. Anseiam por respostas. Elfride quer entender como aconteceu, quem tomou a iniciativa, ela ou Martin. Hannah quer confirmar suas certezas, Martin só foi nazista por causa dela, da esposa. Elas discutem a insustentável inocência alemã, a dificuldade manifesta em encarar a injustiça contra os amigos judeus pelo que era: injustiça, e não excessos revolucionários. Elfride assente, sim, foram antissemitas, ao menos uma vez, se não mais, mas rebate: “você também não foi acusada de ser antissemita?”<sup>36</sup> Lembrando o texto sobre o julgamento de Eichmann, é uma debatedora à altura. Hannah defende-se, mas admite, Martin agiu por conta, seu nazismo não era reponsabilidade de Elfride. Os temas são diversos e, aos poucos, uma e outra baixam a guarda, para que algo próximo ao entendimento comece a se estabelecer.

Hannah sente um mal-estar, uma pontada no coração, ela sofrera de um ataque quase fulminante há poucos meses; Elfride a acomoda para que descanse no cômodo mais próximo, na cama do casal. Sozinha, Hannah imagina que fim romântico não seria morrer ali, naquele momento, na cama de Heidegger. Mas o mal-estar passa, assim como a tempestade. Martin desperta, não está lúcido, mas quer caminhar. Hannah o acompanha até a varanda, a tempo de ter mais uma curta recordação do dia em que amparava o pai doente em uma caminhada e não teve forças para impedir sua queda.

É hora de ir embora, Hannah não quer perder o próximo trem. Elfride insiste para que ela fique para jantar; em sua justificativa, “Martin ficaria encantado”, manifesta o seu desejo particular de manter a companhia por mais tempo. Pede que Hannah volte no ano seguinte, “Mesmo se Martin não estiver mais vivo [...] Temos tantas coisas a nos dizer”<sup>37</sup>. Antes de partir, Hannah faz um último pedido à Elfride: que Martin acenda uma vela em sua memória quando vier a falecer.

Estruturado em uma narrativa que oscila entre a focalização externa e interna, e com um enredo dividido nos planos da ação e da retrospectção, o romance apresenta as personagens

---

<sup>36</sup> Ibid, p. 172.

<sup>37</sup> Ibid, p. 316.

de Hannah Arendt e Elfride Heidegger à medida em que a guerra particular que travam na cozinha da casa ganha consistência e complexidade. Já a personagem de Martin Heidegger é construída não individualmente, mas ligada às demais personagens, como o elemento mais frequente de suas recordações. O Martin do presente da narrativa pode ser entendido como uma representação de como teria terminado um filósofo do ser: fragilmente conectado à realidade e quase completamente submerso em si, sintomas que poderiam, inclusive, explicar suas incoerências históricas, como o apoio ao nazismo.

Juntamente com a construção das personagens, o contexto da Alemanha no pré, durante e pós-nazismo e Segunda Guerra, vai sendo remontado a partir de suas perspectivas que se opõem: a da alemã de origem judaica, exilada, vítima; e a alemã com passado antissemita, nazista e culpada. As duas mulheres não poderiam ser mais diferentes, e de alguma forma complementam-se, assim como o são as filosofias de Hannah e Martin.

Hannah é a judia arrogante, a alemã exilada que é agora americana, a amante. Elfride é a alemã que permaneceu, acreditou na Alemanha do nacional-socialismo e sofreu sua derrota, a legítima esposa; é quem controla a porta de entrada da casa do grande filósofo, quem construiu para ele um lar com conforto de segurança para que ele pudesse libertar-se no pensamento, na casa que realmente lhe interessava: a casa do ser. Sem o conforto doméstico que ela lhe proporcionou, não teria sido possível para Martin levar tão longe sua filosofia. Mas esta casa do ser que Martin construiu e na qual Elfride nunca teve lugar, era Hannah, a amante judia, que habitava, sem esforço algum: ela tinha encontrado lá o seu lugar. Mais do que um lugar, Hannah fora um dos pilares em sua construção, a interlocutora principal. Terrível injustiça que Elfride equilibrava, limitando a entrada de Hannah na casa sobre a qual tinha controle, vigiando as suas visitas, sempre de perto, interferindo e restringindo o tempo que um tinha com o outro. Mas dessa vez ela não precisava marcar seu espaço entre os dois, Martin não alcançaria nenhuma das duas de onde estava.

O nazismo do casal é um dos grandes pontos da discussão. A principal acusação que Hannah faz a Elfride é seu engajamento precoce no nazismo, anterior ao de Martin. Ela tem certeza que ele agiu influenciado por ela, e quer entender seus motivos:

“O porquê de Martin, eu entrevejo. O seu, não.”

“Eu? E por acaso eu conto?”



“Você aderiu ao partido nacional-socialista antes dele. Não consigo me desfazer da ideia de que ele a seguiu. Sua influência, Elfride, você sabe muito bem. Seu engajamento.”

“Não fiz grande coisa”, ela se defendeu. “Eu era...”

“Nazista”, completou Hannah implacável. “A única mulher que poderá me explicar como alguém consegue aderir a isso.” (Ibid, p.158)

O caso do engajamento nazista de Martin é grande ponto cego no entendimento arendtiano, e ela não costuma fazer concessões. Clément constrói uma persona de Hannah Arendt que, sentindo o fim aproximar-se, quer compreender a última circunstância de sua vida para a qual deliberadamente fechou os olhos sob uma justificativa que, agora descobre, não se sustenta. O nazismo de Martin Heidegger não é simplesmente a consequência de uma conveniência conjugal, muito menos seu antissemitismo, como ela sempre justificou:

“Martin se orgulhava da minha autonomia. Ele, que não sabia se engajar, se engajava por delegação.”

“Chegamos lá!”, exclamou Hannah, triunfante. “Foi por sua causa portanto que ele também se filiou”.

“Martin decidiu sozinho!”, protestou Elfride. “O desenrolar das suas ideias levou-o a...”.

Parou. Como explicar o entusiasmo de Martin?

“... a procurar a regeneração do mundo”, concluiu com esforço. “A Alemanha... Lembre-se. Nosso universo se liquefazia, uma corrupção nauseante. Uma brecha se abriu. Uma tocha nas trevas.”

“Sempre esse vocabulário.”, comentou Hannah impassível. “Os fogos na noite, as massas bem perfiladas, a ordem negra dos SS, o raio em seus punhais, tudo aquilo...”.

“Acreditamos naquilo. O povo acreditou. O partido se abria para um outro mundo. Martin correu para ele. Não lhe pedi nada!” (Ibid. p. 159 e 160).

Perto do fim, ela admite: “Suspeitei erroneamente de você, confesso. Sim, talvez você não seja mesmo a causa.”<sup>38</sup>. No romance, Hannah chega à conclusão a que, em sua biografia, nunca chegaria. Muita informação interna sobre as práticas nazistas de Heidegger enquanto reitor da Universidade de Freiburg demorou a ir a público, mas, mesmo que Hannah tivesse tido acesso a elas, é muito provável que partiria em defesa do mestre, como o fez mesmo quando seu grande amigo Jaspers revelou traços inegáveis de antissemitismo manifestados

---

<sup>38</sup> Ibid, p. 243.

por Martin em relação à sua esposa Gertrude, de origem judaica. O que entendem suas biógrafas é que Hannah Arendt sentia-se grata demais a Heidegger pela “paixão rara como uma obra prima”<sup>39</sup>. Incapaz de julgá-lo da única forma que concebia, apegada aos fatos, preferiu uma saída pela tangente, e essa tangente era Elfride.

A autora, Catherine Clément, consegue compor um interessante mosaico de momentos biográficos da vida de Hannah Arendt; não avança em sua obra filosófica, mas faz numerosas sugestões a seu respeito. No entanto, no anseio de abranger amplamente as diversas posições da pensadora, acaba pecando pelo excesso de simplificação que em alguns momentos mais desorienta do que informa.

Como no seguinte trecho:

“Você sabe que antes de me casar com Martin eu estudei”, começou Elfride. “Martin deve ter lhe contado que, naquela época, eu estava ligada à proteção das mulheres. Lembra-se?”

“Muito bem. Mas nunca concordei com o feminismo. Não dá para impedir a pequena diferença entre o homem e...”

“Não se lance em suas grandes teorias! Senão, eu me calo.”. (Ibid, p. 159).

É dessa forma que ela apresenta a opinião de Hannah Arendt em relação ao movimento feminista, que de fato não chegou a ser contundentemente desenvolvida, mas que é mais complexa do que o trecho sugere. Sem a pretensão de avançar no assunto, o que exigiria uma pesquisa mais aprofundada, levantamos algumas das direções que as biografias sugerem para problematizar o assunto. Arendt deixou rastros de suas posições em relação ao movimento feminista em breves textos que dedicou a comentar notícias ou resenhar livros sobre o tema, sua posição assemelha-se a que ela elabora quanto à sua origem judaica: ser mulher e ser judia é uma evidência, que constitui uma pequena diferença. Uma postura não se volta à marcação de diferenças, mas considera, em princípio, a igualdade de potencial entre homens e mulheres, e a pluralidade da espécie humana, em que a diferença tem valor positivo.

---

<sup>39</sup> “Les grandes passions sont rares comme les chefs-d'oeuvre”, epígrafe do artigo em homenagem à Isak Dinesen na coletânea *Homens em Tempos Sombrios*.

Quanto à não concordância com o movimento em si – especificamente o grande movimento dos anos 1960 –, a biógrafa Sylvie Courtine-Denamy assim explica:

Mais significativa aos olhos de Arendt é a atitude das feministas da época, que ela censura por não ousarem avançar deliberadamente sobre a frente política dos homens, por se limitarem a ser uma frente de mulheres, condenada, enquanto tal, a permanecer, como movimento dos jovens, ‘abstrata’ e ineficaz, em suma, por se acantonarem nas questões sociais, em vez de passarem às questões políticas... (COURTINE-DENAMY, 1994)

A questão parece não pertencer à simplicidade que sugere a semântica de termos tais como concordar e aderir, ou discordar e recusar. Arendt mantinha-se à margem de todo e qualquer movimento político como estratégia para manter sua independência; não poderia ter sido diferente com o movimento feminista.

Por fim, cabe reconhecer que uma personalidade tão forte com uma produção tão grande torna arriscada e propensa a excessos românticos ou falhas filosóficas qualquer tentativa de ficcionalização. Mas o grande acerto da autora, Catherine Clément, está em compor sua personagem de Hannah Arendt em contraponto à personagem de Elfride Heidegger, uma figura consideravelmente interessante, que evidenciava um contraste de posições bastante produtivo, pois a permitiu explorar questões que vão muito além das biográficas, razão pela qual o romance se sustenta.

#### **4.2 *Hannah Arendt* (2012), Margarethe von Trotta**

Hannah Arendt não viveu o suficiente para testemunhar a amplitude que atingiriam suas reflexões. Seu nome sempre foi muito popular, mas apenas a partir dos anos 1980 a originalidade de seu pensamento político e filosófico passou a ser amplamente considerada. O que pode ser atribuído ao fato de ela ter tido seu nome ligado a grandes controversas, principalmente aquelas relacionadas à causa judaica. Suas publicações, mesmo quando recebidas com orquestrados ataques difamatórios, nunca deixavam de fomentar um debate que se excedia para muito além dos livros, e opunham tímidos defensores e fervorosos opositores. A maior delas, sem dúvida, deu-se em ocasião do lançamento de *Eichmann em*

*Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, publicado primeiramente em seções pela revista *The New Yorker* e posteriormente lançado em livro, no ano de 1963. Desde então, o termo “banalidade do mal”, por ela cunhado, foi, por sua vez, banalizado, tornando-se um “lugar-comum”, um conceito irrefletido. O filme *Hannah Arendt*, de Margarethe von Trotta, lançado no ano de 2012 (no Brasil, em 2013), além de prestar homenagem e promover o nome da pesquisadora para as novas gerações de pesquisadores, reacendeu o debate a respeito da publicação, seu conteúdo e recepção.

Margarethe von Trotta é considerada uma das mais importantes diretoras mulheres do cinema mundial, e a grande cineasta do assim chamado Novo Cinema Alemão. Sua produção cinematográfica é, sobretudo, valorizada pela intensidade com a qual trabalha a experiência feminina no cinema, tanto na direção quanto na atuação; as protagonistas de seus filmes são mulheres que buscam autoafirmar-se frente a um contexto político adverso. Em 1986, ela dirigiu um premiado drama biográfico inspirado na vida de Rosa Luxemburgo, com Barbara Sukowa como atriz principal, papel pelo qual ela recebeu o prêmio de melhor atriz no Festival de Cannes<sup>40</sup>. No ano de 2012, von Trotta repetiu a parceria com Sukowa na produção de seu segundo drama biográfico, desta vez inspirado na vida de Hannah Arendt.

Barbara Sukowa, apesar de não ser fisicamente parecida com a figura de Hannah Arendt, tem uma atuação, no mínimo, impressionante. A atriz pesquisou os registros de ex-alunos sobre as posturas e gestos executados pela professora em sala de aula para incorporar parte de sua intensidade na atuação, e conseguiu reproduzir um impecável inglês de sotaque alemão. O resultado final é uma atuação intensa e bastante verossímil – segundo ex-alunos de Arendt. Somada à pesquisa de Trotta sobre a vida e filosofia de Hannah Arendt, resultam em cenas de diálogos contundentes e muito bem construídos, e em um discurso final que se sobrepôs ao restante do filme, recebendo a aprovação da crítica e da academia.

O recorte escolhido pela cineasta são os anos entre 1961 e 1963, durante os quais decorrem o julgamento, em Jerusalém, o período de pesquisa e escrita do texto e sua publicação, seguida pelas mais diversas manifestações de oposição. O enredo é construído a partir de cenas da vida íntima da personagem, que ela compartilha com o marido, Heinrich

---

<sup>40</sup> O prêmio de Melhor Atriz do Festival de Cannes do ano de 1986 foi dividido entre as atrizes Barbara Sukowa, por *Rosa Luxemburgo*, e Fernanda Torres, por *Eu sei que vou te amar*.

Blücher, e com os amigos mais próximos: Mary McCarty, Hans Jonas e a esposa, sua assistente Lotte Köhler, entre outros, nos jantares organizados no apartamento do casal, no Riverside Drive. Nessas ocasiões, os encontros rapidamente tornavam-se acirradas discussões sobre a política tanto dos Estados Unidos quanto de Israel.



Figura 4.<sup>41</sup>

O enredo também apresenta as suas viagens à Palestina com Kurt Blumenfeld, suas aulas na Universidade de Cornell, e breves *flashbacks* que introduzem a personagem de Martin Heidegger, além de cenas da redação do *The New Yorker* e de gravações resgatadas do processo de Eichmann.



Figura 5.

---

<sup>41</sup> Esta e as imagens que seguem são frames capturados do filme *Hannah Arendt*.



Figura 6.

A construção do conceito da banalidade do mal é a parte de caráter filosófico mais bem elaborada pelo filme, convenientemente desenvolvida a partir das posições manifestadas pela personagem de Hannah Arendt nos diálogos com as personagens de Kurt Blumenfeld e Hans Jonas. Esses pensadores foram, de fato, dois de seus grandes interlocutores durante o processo de escrita e construção do conceito, registrados em numerosa correspondência.

A seguir, reproduzem-se frames selecionados em que a personagem Hannah aparece conversando com Hans Jonas e Kurt Blumenfeld, respectivamente. Os diálogos recordam sua argumentação a respeito do sistemático esvaziamento do pensamento, promovido pela administração nazista<sup>42</sup>, que resultou na incapacidade de pensar e julgar, com a qual ela caracteriza Eichmann<sup>43</sup>:

---

<sup>42</sup> “O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, [...] pois implicava que esse era um tipo novo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado.” (ARENDR, 1999, P. 299).

<sup>43</sup> “O que impressionou Hannah Arendt, por ocasião do processo de Jerusalém, foi a desproporção entre o crime e a mediocridade do personagem, a sua incapacidade de pensar, de emitir uma opinião obre seus atos, numa palavras, a sua *Dummheit*, como definira Kant: a interrupção do julgamento, a incapacidade de relacionar um caso particular com uma regra universal adequada” (COURTINE-DENAMY, 1994, p. 108)



Figura 7.



Figura 8.



Figura 9.



Figura 10.

A interlocução com Kurt Blumenfeld, líder sionista e grande influência para Hannah Arendt em sua juventude, suprime, de certa forma, a necessidade de retratar o intenso e popular debate travado entre ela e Gershom Scholem, um de seus grandes amigos e opositores quanto às suas opiniões sobre Eichmann. Porém, não há como não sentir falta de sua interlocução com Karl Jaspers, biograficamente uma das mais importantes. Sua supressão é um dos pecados do enredo.

Hannah Arendt sofreu forte campanha de difamação com o livro, orientada, sobretudo, por organizações judaicas. Os argumentos dos opositores apoiavam-se sobre três temas desenvolvidos no livro: as acusações ao governo de Ben Gourion e ao procurador geral Gideon Hausner, por transformar o processo em um julgamento teatral e de propaganda sionista; as críticas formuladas contra os conselhos judaicos (*Judenräte*) por sua colaboração com a SS; e a análise que faz do réu, minimizando sua personalidade criminosa<sup>44</sup>. O próprio cônsul israelita a procurou em nome do Conselho Judaico da Alemanha, para persuadi-la a não publicar o livro. A circunstância foi incorporada à trama:

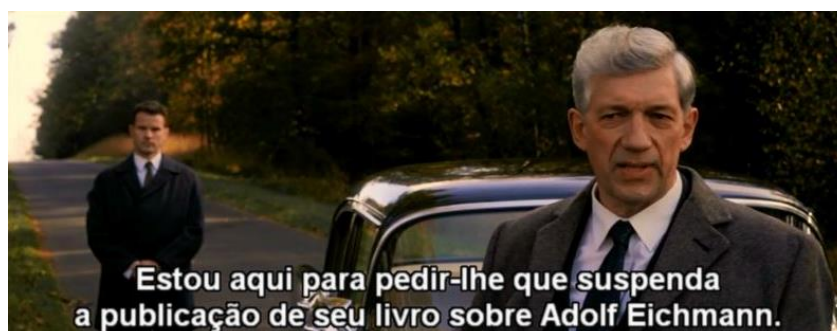


Figura 11.



Figura 12.

---

<sup>44</sup> KRISTEVA, J. *Le génie féminin: Hannah Arendt*. Paris: Fayard, 1999, p. 235



Sua relação com a personagem de Mary McCarthy é, talvez, a parte ficcional mais interessante do filme, pois retrata a intimidade de Hannah Arendt como mulher e amiga. Elas conversam sobre si, os trabalhos, suas relações com os maridos e com os amantes. Mary é retratada como uma amiga atenciosa e preocupada, outra mulher intelectual de forte personalidade, que defende ferozmente Hannah de seus opositores, a quem ela chega a chamar “histéricos”.

Reproduz-se o trecho em que a personagem Mary McCarthy confronta os opositores de Hannah na ocasião da publicação da reportagem em livro:



Figura 13.

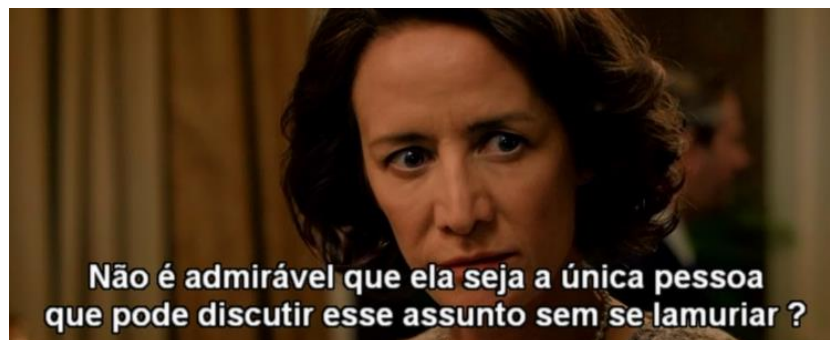


Figura 14.

A figura de Martin Heidegger aparece nos momentos em que ela passa em reflexão e isolamento. Mas a relação não é desenvolvida mais do que o suficiente para representar o conflito interno de Hannah, ao lidar com o passado nazista e antisemita deste que ela considera “o amor de uma vida”, e a quem ela sente-se tão grata que não é capaz de julgar com clareza. Um amor que ela explica da seguinte maneira à amiga Mary:

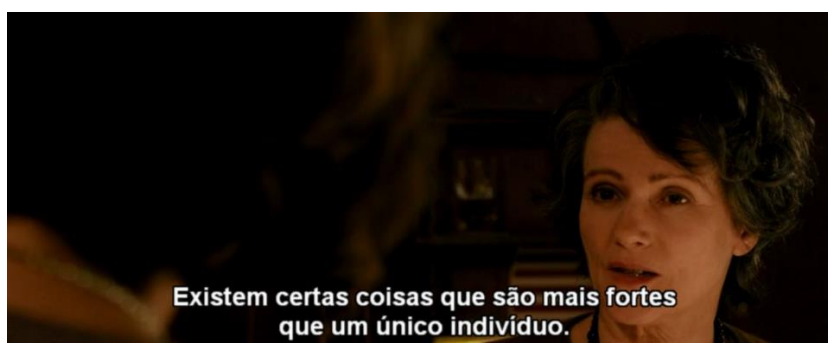


Figura 15.

Quanto à relação entre Hannah e Heinrich, no entanto, o roteiro pode ter pecado pela simplicidade em construir um ambiente aparentemente livre de conflitos. Eles compartilhavam forte ligação que durou até a morte, e seu casamento permitia uma liberdade um tanto incomum, tanto para um quanto para outro, já que Hannah manteve seu laço com Martin Heidegger, e Heinrich teve diversas amantes ao longo de sua vida. Uma delas, Charlotte, está presente em várias das cenas que envolvem o casal, e é quem cuida de Heinrich quando Hannah parte em viagens. Às sugestões de Mary a respeito da fidelidade de Heinrich, Hannah dá de ombros. Mas esse ambiente de harmonia conjugal não é exatamente compatível com a biografia de Hannah Arendt. Sabe-se, através de correspondências, que a disposição de Heinrich de manter outras mulheres em sua vida custou muito à esposa que, a despeito de sua confiante persona filosófica, intimamente sofria a insegurança de perder o marido, como perdera pai, o avô e Martin.

O discurso final, como já mencionado, é o grande momento do filme, e o que mais circulou entre os espectadores e admiradores da obra. Após ser aconselhada a largar suas turmas no departamento de alemão, pois, segundo seus coordenadores, ela provavelmente não terá alunos o suficiente, Hannah rebate que, pelo contrário, suas turmas estão lotadas e ela aceitou realizar uma fala pública para comentar as críticas. Com a sala lotada de alunos e professores, ela discursa sobre o que chamou “banalidade do mal”:

O problema com um criminoso nazista como Eichmann era que ele insistia em renunciar a qualquer características individual, de tal forma que, sem tais qualidades, não restava ninguém para ser punido ou perdoado. Ele protestava

repetidas vezes contra as afirmações da Promotoria, dizendo que ele não havia feito nada por iniciativa própria. Que ele não tinha quaisquer pretensões, boas ou ruins. Que ele havia apenas obedecido ordens. Essa típica apelação nazista deixa claro que o grande mal no mundo é o mal perpetrado por ninguém. O mal cometido por homens sem qualquer motivo, sem convicções, sem razão maligna ou vontades doentias. Mas por seres humanos que se recusam a ser pessoas. E é a este fenômeno que eu chamei de “a banalidade do mal”. (Trecho do filme adaptado e traduzido).

E sobre a esperança de que “o pensar dê às pessoas a força para evitar catástrofes naqueles raros momentos em que as cartas estão todas à mostra” (trecho do filme adaptado e traduzido). Hannah Arendt de fato realizou uma fala ao público universitário, mas na Universidade de Colúmbia, em julho de 1963; e, como no filme, também foi ovacionada pela multidão que a escutava.

O filme foi muito bem recebido e, de fato, traça um retrato fidedigno e informativo sobre a vida e obra de Hannah Arendt. A única crítica contundente que poderia ser apontada quanto à personagem idealizada por Trotta em comparação à biografia conhecida de Hannah Arendt, é o retrato que ela compõe de uma mulher excessivamente – talvez até desumanamente – autoconfiante, que jamais caiu no ridículo e que foi capaz de justificar a si própria mesmo em suas maiores contradições. Sem dúvidas, a personalidade filosófica de Hannah Arendt é configurada sob este que é seu caráter mais dominante: a liberdade e independência de pensamento, e o filme de fato presta bela homenagem à característica. Mas não parece verossímil que tal liberdade venha desacompanhada de posições contraditórias e dolorosos questionamentos internos.

## 5 CONCLUSÃO

Da produção intelectual de Hannah Arendt, ao menos duas obras são essenciais para a compreensão do século XX: *Origens do totalitarismo* e *Eichmann em Jerusalém*. As duas obras, quando lançadas, promoveram debates inéditos e dividiram drasticamente a opinião pública. Como também o fizeram várias das suas colunas e ensaios publicados pela autora em jornais na época e hoje reunidos em coletâneas. São textos que têm como características mais marcantes asserções de autoria drásticas, exemplos da liberdade de reflexão e questionamento que Arendt tanto valorizava. Em entrevista concedida no fim de sua vida para uma emissora francesa <sup>45</sup>, Hannah Arendt explica-se, mas também orienta: ela diz não haver tal coisa como pensamento perigoso, “pois pensar é um em si é sempre perigoso, não pensar, no entanto, é mais perigoso ainda”. Seu compromisso nunca foi com um povo, um grupo político, ou uma orientação ideológica, mas com o pensamento em sua condição de manifestação plural, que precisa ser preservada como condição humana de convivência política.

O conjunto de sua obra não se deixa reduzir a uma simples opinião, e tampouco o faz sua vida íntima e pública. Hannah Arendt viveu da mesma forma que pensou: com toda a liberdade capaz de conceber. Liberdade exercida e sustentada mesmo quando resultava em atitudes contraditórias, e ela foi protagonista de várias. Teve seu trabalho bastante reconhecido enquanto viva, recebeu prêmios e destaques internacionais, e vendeu muitas cópias e traduções, mas também pagou o preço por ousar questionar.

Neste trabalho, tentamos apresentar a personalidade histórica de Hannah Arendt, personagem fundamental da história do século XX, que, como alemã, viveu o melhor e o pior do seu país de origem: teve acesso à cultura erudita alemã através dos pais e avós, à filosofia, e aos filósofos mais proeminentes do século; porém, como judia, foi forçada ao exílio, ao refúgio, tornou-se apátrida e pária.

Sua personalidade se inspirou na literatura, sobretudo na poesia e na ficção narrativa, para refletir filosoficamente e argumentar, além de ter sido próxima de grandes escritores que,

---

<sup>45</sup> ENTRETIEN entre Hannah Arendt et Roger Errera, New York, 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cK3TMi9GqwE>

à sua maneira, também são, como ela, fundamentais para a compreensão do século em que viveram. Escolhemos três análises filosófico-político-literárias para apresentar como ela compreendia e pensava a arte literária. Dois deles, Walter Benjamin e Bertolt Brecht, foram seus amigos de juventude. Sobre Benjamin, ela escreveu um relato afetuoso e engrandecedor de sua figura, sem deixar de expor suas fraquezas. Sobre Brecht, ela escreveu um elogio-crítico consistente, no qual, ao mesmo tempo em que homenageia a grandeza do poeta, reflete sobre a condenação inevitável do artista ideólogo. O terceiro, Franz Kafka, é tão seu íntimo, ou até mais, quanto os outros dois, mesmo que sendo o único a quem ela não conheceu. Kafka obrigatoriamente torna-se íntimo também do leitor da filosofia arendtiana, pois seus romances fundamentam e exemplificam suas ideias. Mesmo não escrevendo textos de crítica literária propriamente, Hannah Arendt aproxima-se muito da área literária e contribui a ela com seus textos.

Finalmente, após conhecer um pouco a pensadora e como ela cotejava a literatura, examinamos sua caracterização como personagem ficcional em duas criações recentes. O livro de Catherine Clément, lançado no Brasil no ano de 2000, mas pouco conhecido, onde as personagens de Hannah Arendt, Martin e Elfride Heidegger são elaboradas a partir de pesquisas biográficas e os fatos históricos são reinventados e narrados pela autora. E no mais recente trabalho da cineasta Margarethe von Trotta, uma cinebiografia inspirada na vida de Hannah Arendt, mais especificamente no momento mais crítico de sua carreira acadêmica, quando cobre o julgamento em Jerusalém; o filme exerceu um papel muito importante ao rerepresentar a filósofa à nova geração de estudantes e pesquisadores.

Desde sua morte, em 1975, o nome de Hannah Arendt só cresceu em popularidade e sua influência não se delimita a uma ou outra área, ela é citada com frequência em estudos de política, direito, educação, teoria literária e outros. Nos últimos anos, ele tem ressurgido em razão de circunstâncias políticas contemporâneas que remontam às do século anterior, como a crise dos refugiados e a reorganização de grupos políticos extremistas, alguns entre eles sendo eleitos em governos democráticos. O ano de 2017, entretanto, surpreendeu; Hannah Arendt foi um dos nomes mais referenciados e *Origens do Totalitarismo*, de 1951, um dos livros mais vendidos do ano (segundo a empresa de venda de livros *Amazon*, os estoques da edição norte-americana do livro esgotaram no mês que seguiu a posse do atual presidente eleito

Donald Trump). As circunstâncias que exigem retomarmos Hannah Arendt nos últimos anos são bastante infortunas e indesejáveis, mas não podemos deixar de celebrar sua genialidade que ainda rende novas compreensões, e o exemplo de vida política e intelectual que ela nos proporcionou. Em confluência com este movimento de repopularização, além de uma breve introdução, este trabalho compreende-se também uma homenagem à vida e obra de Hannah Arendt.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Laure. (2005) **Nos passos de Hannah Arendt**. Trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ARENDT, Hannah. (1958). **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016

\_\_\_\_\_. (1994). **Compreender: formação, exílio e totalitarismo (Ensaio) 1930-54**. Trad. Denise Bottman. Org. Jerome Kohn. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

\_\_\_\_\_. (1963). **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. (1995). **Entre amigas: a correspondência de Hannah Arendt e Mary McCarty, 1949-1975**. Trad. Sieni Campos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

\_\_\_\_\_. (1968). **Homens em tempos sombrios**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BADIOU, Alain, CASSIN, Barabara. (2010). **Heidegger: O nazismo, as mulheres, a filosofia**. Trad. Maria Inês Duque Estrada. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

CLÉMENT, Catherine. (1999). **Martin e Hannah**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

COURTINE-DPENAMY, Sylvie. (1994). **Hannah Arendt**. Trad. Ludovina Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

ENTRETIEN entre Hannah Arendt et Roger Errera, New York, 1973. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cK3TMi9GqwE>

ETTINGER, Elzbieta. (1995). **Hannah Arendt / Martin Heidegger**. Tradução Marion Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996

HANNAH Arendt “Zur Person” Full Interview. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dsoImQfVsO4&t=178s>

**HANNAH ARENDT: ideias que chocaram o mundo**. Direção de Margarethe von Trotta. Gênero: biografia, drama. Roteiro: Margarethe von Trotta e Pamela Katz. Países: Alemanha, Luxemburgo, França, Israel. 2012. (113 min.). Título original: Hannah Arendt.

KRISTEVA, Julia. (1999). **Le génie féminin**: la vie, la folie, les mots. Hannah Arendt. Paris: Fayard, 1999.

**VITA ACTIVA**: O espírito de Hannah Arendt. Realizadora: Ada Ushpiz. Gênero: Documentário, Biografia. Países: Israel, Canadá. Distribuição: Midas Filmes, 2017. (2h05). Título original: Vida Activa: The spirit of Hannah Arendt.